

UNESP  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

THAÍS DE MENDONÇA FARIA

**A LEXICOGRAFIA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE
ESPAÑHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: UM OLHAR SOBRE O USO DO
DICIONÁRIO NA SALA DE AULA**



ARARAQUARA – SP
2015

THAÍS DE MENDONÇA FARIA

**A LEXICOGRAFIA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE
ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: UM OLHAR SOBRE O USO DO
DICIONÁRIO NA SALA DE AULA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estudos do Léxico

Orientador: Prof. Dr. Odair Luiz Nadin da Silva

Bolsa: CAPES

**Araraquara
2015**

THAÍS DE MENDONÇA FARIA

**A LEXICOGRAFIA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE
ESPAÑHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: UM OLHAR SOBRE O USO DO
DICIONÁRIO NA SALA DE AULA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estudos do Léxico

Orientador: Prof. Dr. Odair Luiz Nadin da Silva

Bolsa: CAPES

Data da defesa: 29/04/2015

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Odair Luiz Nadin da Silva – UNESP/FCL Araraquara.

Membro Titular: Profa. Dra. Rosângela Sanches da Silveira Gileno- UNESP/FCL Araraquara

Membro Titular: Profa. Dra. Maria Cristina Parreira da Silva- UNESP/ IBILCE São José do Rio Preto

Membro Suplente: Prof. Dr. Paulo José Andreilino- UEM/Universidade Estadual de Maringá

Local: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Alguns dicionários se equivocam ao dizer que a entrada *pais* tem como acepção em sua microestrutura, simplesmente, *sm pl* O pai e a mãe. Não acredito que essa palavra tenha apenas essa acepção, porque, a meu ver, tem muitos mais significados possíveis. Listo aqui alguns: **1** pais são flores, as mais bonitas que Deus já colocou na terra. **2** pais são modelos da passarela mais *fashion* da vida. **3** pais são médicos que passam noites sem dormir para cuidar da febre, da dor de estômago ou da dor de amor. **4** pais são bancos de sonhos nos quais qualquer empreendimento é possível com o auxílio deles. **5** pais são, sem dúvida, os melhores rezadores de sermão. **6** pais são professores. **7** são amigos. **8** irmãos. **9** companheiros. **10** pais são pedras preciosas, aquelas que têm um valor incapaz de ser calculado. **11** pais são anjos que sempre estão por perto para nos guardar. **12** são torcedores dos mais fanáticos. **13** pais são... Não sei se a microestrutura que pensei para essa entrada teria fim. Não é necessário que tenha e nem que os lexicógrafos escutem minha contestação a respeito disso. Entretanto, uma coisa é IMPRESCINDÍVEL: que meus pais saibam o quanto os amo e o quanto eles são importantes na minha vida.

Dedico este trabalho aos meus pais, fonte de vida, amor e companheirismo sempre!

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Maria e José, pela formação moral e intelectual que eles, com tanta força e garra, puderam e fizeram o possível e o impossível para me ofertar.

Aos meus irmãos, que são e foram meus melhores amigos e pessoas que me apoiam na caminhada da vida. Ao Tiago por ser para sempre meu modelo de superação e à Laila por sempre estar por perto mesmo com nossas inúmeras diferenças.

Ao meu pequeno Davi, sobrinho lindo e amado, por todas as risadas, abraços, beijos e, principalmente, por me dar a oportunidade de ser tia.

Ao meu marido, meu grande amor e companheiro da vida, por sempre estar ao meu lado nos momentos bons e ruins, por me amar, por me fazer sentir viva e por lutar comigo todos os dias pelos nossos sonhos.

Ao meu orientador, Odair Luiz Nadin da Silva, em especial, pela competência, paciência e disposição na orientação desta pesquisa. Agradeço profundamente, ainda, pelo carinho, compreensão e exigências, características com as quais me auxiliou no desenvolvimento de meus conhecimentos científicos e humanos desde a iniciação científica.

À Profa. Dra. Maria Cristina Parreira da Silva, pelas tantas contribuições teóricas e metodológicas que forneceu ao meu trabalho, bem como pela disponibilidade e gentileza dadas desde a qualificação.

À Profa. Dra. Rosângela Sanches da Silveira Gileno, pelas pertinentes indicações teóricas, pela apreciação séria e atenta do meu trabalho. Ademais, acrescento, aqui, meu profundo agradecimento de tê-la, antes, como professora e, agora, como contribuinte nesse meu processo de formação científica e humana.

Aos professores e funcionários da UNESP – Campus de Araraquara – que, com companheirismo, amor e respeito, me proporcionaram lindos anos de aprendizagem.

Aos meus *amigos universitários* Sueli Cabrera, Cinthia Yuri, Érica Maldonado, Carlos Eduardo da Silva Ferreira, Raquel Turci, Lígia de Grandi, Heloísa Bacchi, Mariana Daré Vargas, Luiza Bedê, Carolina Soarez, Marina Severian, Leonardo Arctico e tantos outros pelos empréstimos de textos, pelas conversas, pelas discussões, pelos desabafos acalentadores e pelo convívio.

Aos participantes desta pesquisa pela disponibilidade, gentileza e pelas discussões sempre muito frutíferas e promissoras.

Às minhas amigas Deborah Cristine da Silva, Bruna Antoniazzi e Tamires Nunes pelo companheirismo, amizade, solidariedade e fidelidade de todos esses anos.

Agradeço à agência financiadora desta pesquisa, CAPES, pelo auxílio financeiro concedido.

A todos que de maneira direta e indireta me ajudaram e me inspiraram para a execução deste trabalho...

Ah, mas esse convívio, essa palavra, aquele beijo, abraço apertado, aquela bronca que faz a gente tomar rumo, aquele silêncio, aquela discussão... TUDO foi necessário. TUDO valeu a pena, porque VOCÊS valem a pena. Quero SEMPRE passar além do Bojador e ter vocês comigo. Obrigada!

[...] es)lo que me sucedió con el diccionario de la lengua. Nunca lo vi como un libro de estudio, gordo y sabio, sino como un juguete para toda la vida. (MÁRQUEZ, 2006)

RESUMO

Esta pesquisa, de base qualitativa, busca fazer uma reflexão sobre a importância da disciplina Lexicografia na formação de futuros professores de espanhol como língua estrangeira (E/LE), bem como sobre a utilização de dicionários na sala de aula. Para tanto, aplicamos o primeiro questionário no qual pretendíamos observar (i) o conhecimento prévio dos futuros professores em relação ao uso do dicionário em sala de aula; (ii) se utilizariam essa ferramenta didática em suas práticas docentes; (iii) qual seria/será a finalidade da inclusão desse material em aula e, por fim, (iv) se esses alunos teriam interesse em participar de um curso teórico-prático de formação inicial em Lexicografia Pedagógica. Com resposta positiva a esta última indagação, realizamos dois cursos teórico-práticos nas modalidades de extensão e minicurso em uma universidade do interior do estado de São Paulo, nos quais discutimos sobre conceitos básicos de Lexicografia, sobre o bom uso do dicionário em sala de aula e, ainda, sobre as atividades que contribuem para o uso desse material didático nas aulas de (E/LE). Ao final de cada modalidade de curso, aplicamos o segundo questionário a fim de detectar as prováveis mudanças de opinião ou de motivação com relação ao uso do dicionário em sala de aula. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram os questionários (iniciais e finais), as notas de campo e as atividades elaboradas pelos futuros professores. Por meio de análises qualitativas, chegamos à conclusão de que os graduandos se sentem despreparados no que diz respeito ao uso do dicionário em classe e, dessa forma, observamos, também, que há uma necessidade de formação para a capacitação e uso desse material didático, dado que, com esse recurso, o futuro professor poderá potencializar o ensino de vocabulário nas aulas de E/LE, por meio de atividades que o utilizem.

Palavras-chave: Lexicografia Pedagógica. Formação de professores. Uso de dicionário em sala de aula.

RESUMEN

Esta investigación, de base cualitativa, busca hacer una reflexión sobre la importancia de la asignatura Lexicografía en la formación de futuros profesores de español como lengua extranjera (E/LE), así como la utilización de diccionarios en clase. Para tanto, aplicamos el primero cuestionario en el cual pretendíamos observar (i) el conocimiento previo de los futuros profesores en relación al uso de diccionario en el aula; (ii) si utilizarían esa herramienta didáctica en sus prácticas docentes; (iii) cuál sería/será la finalidad de la inclusión de ese material en el aula y, por fin, (iv) si esos alumnos tendrían interés en participar de un curso teórico-práctico de formación inicial en Lexicografía Pedagógica. Con una contestación positiva en esta última indagación, realizamos dos cursos teórico-prácticos en las modalidades de Extensão y Minicurso en una Universidad del Interior del Estado de São Paulo, en los cuales discutimos sobre conceptos básicos de Lexicografía, sobre el buen uso de diccionario en clase y, incluso, sobre las actividades que colaboran para el uso de ese material didáctico en el aula de (E/LE). Al final de cada modalidad de curso, aplicamos el segundo cuestionario con la finalidad de detectar las probables mudanzas de opinión o de motivación con relación al uso de diccionario. Los instrumentos utilizados para la colecta de datos fueron los cuestionarios (inicial e final), las notas de campo y las actividades elaboradas por los futuros profesores. Por medio de análisis cualitativas, llegamos a la conclusión de que los graduandos se sienten sin preparo para utilizar el diccionario en clase y, de ese modo, observamos, también que hay una necesidad de formación para la capacitación y uso de ese material didáctico, dato que con ese recurso el futuro profesor podrá potencializar la enseñanza del vocabulario en el aula de E/LE por medio de actividades que utilicen el diccionario.

Palabras-clave: Lexicografía Pedagógica. Formación de profesores. Uso del diccionario en el aula.

ABSTRACT

This research reflects on the importance of lexicography discipline in training teachers of Spanish as a Foreign Language (S / FL) as well as on the use of dictionaries in the classroom. Therefore, we apply the first questionnaire in which we intended to observe (i) the prior knowledge of student teachers regarding the use of the dictionary in the classroom; (ii) would use this educational tool in their teaching practices; (iii) what is the purpose of the inclusion of this material in class and, finally, (iv) if these students would be interested in participating in a theoretical and practical initial training course in Pedagogical lexicography. With positive answer to this last question, we conducted two theoretical and practical courses in Extension modalities and Short Course in a University in São Paulo, in which we discussed basics of lexicography, about the proper use of the dictionary in the classroom, and also on activities that contribute to the use of this teaching material in class (S / FL). At the end of each course mode, we apply the second questionnaire to detect the changes of opinion regarding the use of the dictionary in class. The instruments used for data collection were the questionnaires (initial and final), field notes and activities designed by teachers in training. Through qualitative analysis, we concluded that graduates feel unprepared when it comes to using the dictionary in class and observe that there is a need for training for capacity building and use of this didactic material, as with this feature the teacher can enhance the vocabulary teaching in S / FL classes, through activities that use the dictionary.

Keywords: Pedagogical lexicography. Teacher training. Dictionary use in the classroom.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A árvore das Ciências Humanas segundo Almeida Filho (2005).....	27
Figura 2 – Relacionando a LA, LP, Ensino de língua e a Formação de Professores.....	28
Figura 3 – Meu primeiro dicionário ilustrado de Espanhol.....	43
Figura 4 – Reprodução da capa do Dicionário Santillana para estudantes.....	44
Figura 5 – Reprodução da capa do Dicionário escolar espanhol PONS.....	45
Figura 6 – Reprodução da capa do Diccionario de uso del español actual Clave.....	46
Figura 7– Reprodução da capa do dicionário Señas: Diccionario para la Enseñanza de la Lengua Española para Brasileños.....	58
Figura 8 – Reprodução da capa do Diccionario Esencial.....	59

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Questão 1 (EXTi.): Sobre a elaboração de dicionários.....	68
Gráfico 2 – Questão 4 (EXTi.): Frequência de uso do dicionário enquanto aprendiz de línguas	69
Gráfico 3 – Questão 5 (EXTi.): O dicionário e a aprendizagem de línguas.....	70
Gráfico 4 – Questão 1(MCi): Sobre a elaboração de dicionários.....	72
Gráfico 5 – Questão 2 (MCi): Relevância do uso do dicionário em sala.....	73
Gráfico 6 – Questão 4 (MCi): Frequência de uso do dicionário enquanto aprendiz de línguas.....	73
Gráfico 7 – Questão 5 (MCi): O dicionário e a aprendizagem de línguas.....	74
Gráfico 8 – Questão 1 (MCf): Durante o curso, você adquiriu conhecimentos sobre a estrutura de dicionários?.....	78
Gráfico 9 – Questão 5 (MCf): O dicionário integrará suas aulas de ensino de vocabulário de maneira mais motivadora e dinâmica?.....	79

LISTA DE QUADROS

Quadro1 – Catálogo de materiais didáticos destinados ao ensino de E/LE (1995).....	34
Quadro 2 – Características e tipos de dicionários direcionados ao ensino de espanhol como língua materna.....	39
Quadro 3 – Características e tipos de dicionários direcionados ao ensino de português como língua materna.....	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

E/LE	Espanhol como Língua Estrangeira
LA	Linguística Aplicada
LD	Livro Didático
LE	Língua Estrangeira
LM	Língua Materna
LP	Lexicografia Pedagógica
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
MEC	Ministério da Educação e Cultura
EXTi	Questionário Inicial do Curso de Extensão
EXTf	Questionário Final do Curso de Extensão
MCi	Questionário Inicial do Minicurso
MCf	Questionário Final do Minicurso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1 A LEXICOGRAFIA E A LEXICOGRAFIA PEDAGÓGICA.....	22
1.1 Breve contexto histórico da Lexicografia e da Lexicografia Pedagógica.....	22
1.2 A Lexicografia Pedagógica e a Linguística Aplicada.....	26
1.3 O uso do dicionário em sala de aula.....	28
2 DICIONÁRIO COMO MATERIAL DIDÁTICO E O CONCEITO DE PROFESSOR EM FORMAÇÃO REFLEXIVA.....	33
2.1 O que é material didático?.....	33
2.2 O dicionário como material didático.....	36
2.3 A escolha de um dicionário para uso em sala de aula.....	37
2.3.1 Os tipos e características dos dicionários destinados ao ensino de espanhol como língua materna.....	38
2.3.2 Os tipos e as características de dicionários destinados ao ensino de português como língua materna.....	40
2.3.3 Breve descrição de dicionários destinados ao ensino de espanhol como língua estrangeira usados no Brasil.....	42
2.4 As contribuições do PNL D e do MEC.....	47
2.5 O professor em formação reflexiva.....	50
2.6 A extensão como possibilidade de formação reflexiva crítica.....	52
2.6.1 O curso de extensão “Introdução à Lexicografia Pedagógica: Teoria e Prática”.....	54
2.6.2 O minicurso “Estratégias didáticas para o ensino de espanhol: usando o dicionário na sala de aula”.....	56
2.6.3 Os dicionários utilizados nos cursos ofertados.....	57
3 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	61
3.1 Os cursos.....	62
3.2 Participantes da pesquisa.....	62
3.3 Coleta de dados.....	63
3.4 Os instrumentos da coleta de registros.....	63
3.5 Questionário inicial.....	64
3.6 Curso de extensão/ minicurso.....	64
3.7 Questionário final.....	65
3.8 Análise das notas de campo.....	65
3.9 Atividades elaboradas no curso de extensão pelos futuros professores.....	66

4 ANÁLISE DE DADOS	67
4.1 Apresentação dos dados do questionário inicial.....	67
4.1.1 Dados coletados pelo questionário inicial no curso de extensão.....	67
4.1.2 Dados coletados pelo questionário inicial no minicurso	72
4.2 Apresentação dos dados do questionário final	75
4.2.1 Dados coletados pelo questionário final no curso de extensão	76
4.2.2 Dados coletados pelo questionário final no minicurso.....	78
4.3 Apresentação de dados das notas de campo	80
4.4 Apresentação das atividades elaboradas pelos futuros professores.....	84
4.5 Síntese da análise quantitativa e qualitativa	86
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	90
APÊNDICES	95
Apêndice A – Questionário inicial	96
Apêndice B – Questionário Final	99
Apêndice C – Exemplo de notas de campo	102
Apêndice D – Atividade elaborada por participante do curso de extensão	104
ANEXOS	108
Anexo A – Parecer substanciado do Conselho de Ética em Pesquisa	109

INTRODUÇÃO

Entre o dito e o não dito, a conclusão é óbvia: a formação de professores será sempre importante para qualquer mudança educacional, sobretudo para a melhoria da qualidade do ensino. E pensar a qualidade da educação no contexto da formação de professores significa colocar-se à disposição da construção de um projeto de educação cidadã que propicia condições para a formação de sujeitos históricos capazes de, conscientemente, produzir e transformar sua existência. (CARVALHO, 2007, p. 07).

Por muito tempo, estive pensando, antes de iniciar esta investigação, se a Lexicografia era importante em minha formação, se o dicionário, com todos seus atributos tidos como desagradáveis – peso, tamanho, forma, etc. –, era uma ferramenta didática que poderia inspirar meus futuros alunos a conhecer o universo das palavras. Ademais, esse compromisso de incluir o dicionário em minhas práticas pedagógicas deixava-me preocupada, já que não havia tido nenhuma experiência parecida e não sabia como lidar com aquele objeto que, até aquele momento, era desconhecido para mim.

Ao iniciar as leituras e discussões sobre o projeto de mestrado com meu orientador, pude refletir sobre essas e outras indagações com os alunos do curso de Graduação em Letras (Português/Espanhol) de uma universidade no interior do estado de São Paulo. A discussão resultou em dois contextos de pesquisa, que serão também objeto de análise nesta dissertação: (i) um curso de extensão universitária oferecido aos alunos de graduação e (ii) um minicurso apresentado em dois dias no IV Colóquio de Estudos Hispânicos: Língua, Cultura e Literatura¹ oferecido também aos alunos de graduação.

Com auxílio das leituras e discussões feitas nos cursos, notei que os professores em formação desejavam saber sobre esse material didático, e que essa disciplina – Lexicografia – seria válida para a formação pedagógica deles.

Além disso, percebi que eles conseguiam ver o dicionário como um material estimulante, mas que lhes faltava a preparação adequada para utilizá-lo em sala de aula, uma vez que é preciso conhecer as possibilidades de trabalho com qualquer material didático para que se possa explorá-lo de maneira satisfatória. As informações pesquisadas satisfatoriamente na obra lexicográfica representam um ganho por duas vias: a primeira é contribuição da competência linguística que o consulente recebe, a segunda é a questão de que mais usuários estarão utilizando as variadas obras lexicográficas e, quiçá, esses consulentes poderão auxiliar,

¹ As características de cada modalidade de curso serão explicitadas na terceira seção, que trata das questões de metodologia desta pesquisa.

com suas dificuldades ou variados imprevistos que tiverem com esse material, o trabalho lexicográfico.

Todavia, para utilizar o dicionário de maneira efetiva, ambos os protagonistas da classe deverão estar prontos para tal ação, ou seja, o professor terá de auxiliar seu aluno no manuseio do dicionário a fim de possibilitar que seja satisfatória sua exploração linguística, enquanto o outro ator (aluno) poderá ampliar os usos do material. Para tanto, professor e aluno deverão, também, receber formação sobre o uso do dicionário e, sendo assim, o processo formativo do futuro professor deve contemplar questões sobre Lexicografia e o uso do dicionário para que, quando estiver em sala de aula, possa ensinar seu aluno sobre o manuseio desse material didático. Dessa forma, esta pesquisa científica se insere nas Ciências do Léxico, tendo como suporte teórico a Lexicografia/ Lexicografia Pedagógica. Ademais, é uma pesquisa de base qualitativa.

Poderíamos justificar a relevância da nossa pesquisa pensando no potencial que a discussão que inclua a Lexicografia Pedagógica, a Linguística Aplicada e a formação de professores de línguas oferece para o universo acadêmico. Além disso, esta pesquisa pretende discutir sobre a importância da Lexicografia na formação dos professores de línguas e o uso do dicionário na sala de aula de espanhol como língua estrangeira, tema que ainda é pouco explorado no Brasil.

Como professores ou como ouvintes, já nos deparamos com as seguintes questões: o que faço com o dicionário nas minhas aulas? Como posso utilizá-lo de maneira mais efetiva esse material? Ou ainda: não utilizo o dicionário em sala, porque os alunos não gostam e eu também não. Todas essas perguntas e afirmações são plausíveis se verificarmos que, na maioria das vezes, os professores que já estão atuando ou os que ainda estão se formando para tal atividade não receberam formação em Lexicografia e, também, não obtiveram espaço para discutir sobre a inclusão do dicionário enquanto material didático em sala.

Humblé constata que (2002, p. 8) “todos admitem usar dicionários, mas ninguém os estuda”, ou seja, há de existir esses estudos do dicionário, entretanto, há, também, a necessidade de se discutir sobre Lexicografia e o uso do dicionário em classe no processo formativo dos professores de línguas. Além disso, é preciso que se invista em pesquisas científicas sobre os dicionários, seja no âmbito do uso escolar, seja na organização metodológica da obra.

No que diz respeito ao ensino de língua espanhola no Brasil, sabemos que se intensificou por questões político-econômicas a partir da criação do MERCOSUL². Entretanto, além desse fator político-econômico, muitas pessoas se interessam pelo espanhol por ser um idioma em grande expansão. Segundo Sellanes (2012), o espanhol é a terceira língua mais falada no mundo, dados que nos mostram a participação ativa dessa língua na sociedade atual. Por isso, temos a necessidade de olhar com maior cuidado e empenho para a questão do ensino de língua espanhola, que precisa e deve começar na formação do professor.

A expansão no interesse pelo ensino-aprendizagem da língua espanhola no Brasil, em virtude de aspectos político-econômicos e culturais, motivou também a criação da Lei 11.161/2005, que devolveu a essa língua seu lugar na grade curricular da educação básica brasileira. A citada lei estipula a obrigatoriedade da oferta do ensino de espanhol no Ensino Médio e sua inclusão, de forma facultativa, no Ensino Fundamental. Com isso, a língua espanhola passou a ser contemplada também no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que, desde 2010, distribui manuais didáticos dessa língua às escolas do ensino público como já ocorria com outras disciplinas.

Com isso, o professor tem, em sala de aula, materiais didáticos favoráveis e representativos para o ensino de línguas. Entretanto, há de se mobilizar para que o seu uso seja representativo e satisfatório, sendo necessário um trabalho de instrução não só para os professores que já estão atuando na rede, como o que foi elaborado por Rangel (2012, p. 09-115), mas também para os professores em formação, visto que essa medida poderá auxiliar na elaboração da futura prática docente desses graduandos e a tornará mais reflexiva, uma vez que se faz pensar sobre a futura ação.

Dessa forma, há de se discutir sobre o uso do dicionário como ferramenta didática para o ensino do léxico, visto que, como afirma Biderman (2001, p. 139, grifo da autora) “o léxico é o *guarda-experiências* de uma comunidade linguística” e “[...] a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades”. Essas experiências acumuladas estão presentes, também, no dicionário. Conhecendo o léxico de uma língua, estamos, assim, sendo apresentados a essa comunidade linguística, bem como a parte de suas manifestações culturais. É desse modo, então, que este estudo se justifica, pois, muito embora haja estudos relacionados ao uso do dicionário em sala e a formação de professores no país, os objetivos do ensino de línguas e o trabalho com o esse material didático merecem,

² Sigla de Mercado Comum do Sul (aliança comercial entre Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, tendo Bolívia, Peru e Chile como associados).

ainda, uma maior discussão, visibilidade e difusão entre professores em formação, atuantes na rede pública e particular de ensino, pesquisadores e acadêmicos, visto que, dessa forma, os objetivos poderão ser alcançados.

O objetivo que norteia o trabalho é identificar, descrever e analisar o que graduandos dos 2º, 3º e 4º anos de uma universidade pública do interior de São Paulo pensam sobre o uso do dicionário, ou seja, verificar por meio da análise dos questionários, notas de campo e das atividades elaboradas pelos eles mesmos, o que consideram sobre o uso desse material em suas futuras práticas docentes.

Para isso, tornou-se necessário propiciar aos licenciandos em Letras uma formação inicial teórico-metodológica em Lexicografia Pedagógica, analisar qual era a opinião deles, por meio de questionários, acerca do uso do dicionário como material didático e, após isso, analisar e elaborar atividades didáticas que incluíssem o uso do dicionário em sala de aula.

Outro objetivo, quiçá externo, dessa pesquisa é contribuir para a discussão sobre a Lexicografia e a formação do docente de línguas, bem como fazer a relação entre as áreas de estudo: Linguística Aplicada e Lexicografia.

Com tais objetivos, formulamos as seguintes indagações:

- De que modo a Lexicografia Pedagógica possui relevância enquanto disciplina na formação do professor de línguas?
- Segundo os futuros professores, as atividades que fazem uso do dicionário em sala de aula de espanhol como língua estrangeira podem ser estimulantes?

A dissertação está organizada em quatro seções. Na primeira, fizemos um breve histórico sobre a Lexicografia e sua constituição enquanto Ciência; na sequência, discutimos sobre Lexicografia Pedagógica e sua relação com a Linguística Aplicada. Ainda nessa seção, dissertamos sobre o uso do dicionário em sala de aula e, por fim, abordamos os tópicos Léxico e Gramática.

A segunda, por sua vez, trata dos conceitos de professor em formação reflexiva e material didático. Nela, discutimos sobre as contribuições pleiteadas pelos programas PNLD e MEC e, ainda, discorremos sobre como a extensão universitária pode auxiliar no processo de formação do graduando.

Na terceira seção, descrevemos a metodologia utilizada na pesquisa, apresentamos o perfil dos participantes, os objetivos de cada instrumento utilizado e o que foi abordado em cada modalidade do curso (extensão e minicurso).

Por fim, na quarta seção, dedicamo-nos à discussão e à análise dos dados coletados na pesquisa. Além disso, expusemos as limitações deste trabalho e destacamos alguns apontamentos para pesquisas futuras que poderão surgir a partir deste estudo.

1 A LEXICOGRAFIA E A LEXICOGRAFIA PEDAGÓGICA

O ensino de língua espanhola, quer seja materno ou estrangeiro, tem como finalidade conseguir que os alunos, nativos ou estrangeiros, desenvolvam de forma adequada suas capacidades expressivas e compreensiva, ou seja, sua plena competência comunicativa para desenvolver-se socialmente com suficiente autonomia. Para alcançar este objetivo, nós professores de língua deveremos ensinar nossos alunos a valorizar e utilizar de forma cada vez mais competente esse instrumento de comunicação e de acesso ao conhecimento, que é a língua, e de lhes proporcionar recursos e fontes de informação que favoreçam sua autoaprendizagem linguístico, para que possam por si mesmos em qualquer momento acessar novos conhecimentos e ampliar os que já possuem. (PRADO ARAGONÉS, 2005, p. 19, tradução nossa³).⁴

Discutimos, nesta seção, alguns aspectos históricos e científicos da disciplina Lexicografia, bem como a relacionamos com a Lexicografia Pedagógica (doravante, LP). Em seguida, discorreremos sobre o uso do dicionário nas aulas de línguas.

1.1 Breve contexto histórico da Lexicografia e da Lexicografia Pedagógica

Muito antes da constituição da Lexicografia como Ciência, isto é, antes do século XX e da categorização de uma teoria Lexicográfica, convém destacar que a prática de produção de dicionários já era comum desde o século XVI, pois “[...] a **necessidade** de elaborar repertórios lexicais sempre esteve presente, historicamente, na vida prática e intelectual das mais antigas sociedades” (HWANG, 2010, p. 34, grifo nosso).

O caráter da chamada “necessidade” se definirá a partir de características linguísticas condicionadas em tais épocas e situações. Dessa forma, também se definirão os tipos e os modos de elaboração dos glossários, listas lexicais e dicionários. Essa dita necessidade aparecerá inicialmente nos anos 2500 e 2200 a.C como afirma Humblé (2002, p. 3):

³ Ressaltamos que, doravante, todas as traduções feitas de citações em língua estrangeira para o português, neste trabalho, são de nossa autoria.

⁴ La enseñanza de la lengua, ya sea materna o extranjera, tiene como finalidad de conseguir que los escolares, nativos o extranjeros, desarrollen de forma adecuada sus capacidades expresivas y comprensivas, es decir, su plena competencia comunicativa para desenvolverse socialmente con suficiente autonomía. Para alcanzar este objetivo los profesores de lengua hemos de enseñar a nuestros alumnos a valorar y a utilizar de forma cada vez más competente ese valioso instrumento de comunicación y de acceso al conocimiento, que es la lengua, y de proporcionarles recursos y fuente de información que favorecerán su autoaprendizaje lingüístico, para que puedan por sí mismos en cualquier momento acceder a nuevos conocimientos y ampliar los que ya poseen.

Os primeiros dicionários, ao contrário do que se ouve muitas vezes, eram bilíngües. Simplesmente porque respondiam a uma necessidade concreta de comunicação. O primeiro “dicionário” de que temos notícia foi achado nas escavações de Ebla, na atual Síria, e traduz palavras sumérias em Eblaita. Data de entre 2500 e 2200 anos antes de Cristo.

Biderman (1984, p. 1) se contrapõe a esse pensamento afirmando que “A antiguidade não produziu obras lexicográficas no sentido que hoje damos a esse termo”. A autora afirma ainda que os únicos trabalhos que merecem atenção são os glossários produzidos na escola grega de Alexandria e o *Appendix Probi* latino, pois, para ela (1984, p. 3), essas listas lexicais, que nesse momento eram utilizadas, conseguiam suprir algumas situações linguísticas e, por isso, não eram consideradas dicionários, já que não pretendiam descrever sistematicamente o léxico de cada língua que fazia parte daquele contato linguístico, mas, sim, propiciar o contato comercial e cultural entre os países.

Após o constante uso das listas lexicais, surge na Idade Média o uso de glossários e também uma mudança de caráter utilitário desse objeto. Nesse momento, o glossário tem um objetivo pedagógico mais explícito, pois eram utilizados “[...] com o intuito de ajudar a interpretar palavras ou passagens que representavam dificuldades de leitura ou aprendizagem” (HWANG, 2010, p. 36). Entretanto, o que não se modificou foi o acesso a esses materiais, uma vez que eram disponibilizados apenas nas escolas formais e poucos indivíduos conseguiam receber essa formação, que tinha um cunho religioso, visto que era ofertada em mosteiros; portanto, o ensino e a formação estavam vinculados à Igreja Católica.

No século XVI e com a invenção da imprensa, os dicionários, como descrição sistemática do léxico, puderam ser reproduzidos, já que, antes desse acontecimento, o que existia era a compilação de livros, algo demorado e de difícil acesso para muitos. Nessa época e com as expansões marítimas, surge o primeiro dicionário intitulado *Diccionario latino espanhol* de Antonio de Nebrija, datado de 1492, e surge, também, a necessidade da consolidação das nações-estado. Segundo Biderman (1987, p. 82),

o homem renascentista precisava de outros instrumentos de intercâmbio linguístico num mundo que se abria para um novo diálogo e trocas entre as jovens nações européias. Assim, multiplicam-se os dicionários bilíngües na Espanha, na França, na Itália, em Portugal, bem como as gramáticas de cada uma das línguas que se tornaram oficiais para as nações-estado da Europa no século XVI.

Na metade do século XX, observa-se uma motivação aos estudos do fazer lexicográfico, já que é nesse momento que “[...] os linguistas vão descobrir no dicionário não somente uma

rica fonte de dados sobre a história e a evolução das palavras, mas também um interessante objeto de estudo do ponto de vista metodológico.” (AZORÍN-FERNÁNDEZ, 2006, p. 3).⁵ Dessa forma, e com o auxílio da informática, a Lexicografia ganha espaço nos estudos linguísticos e os dicionários ganham uma maior qualidade em sua confecção.

Ainda no século XX, após a Segunda Guerra Mundial, os dicionários, segundo Humblé (2002, p. 5), passaram a ser concedidos aos usuários ativos, ou seja, aqueles que precisavam escrever em uma língua estrangeira, ao contrário do que se fazia até então, pois os consulentes já não estavam interessados somente em compreender uma língua estrangeira, mas também em produzir enunciados na língua-alvo. Sendo assim, compreendeu-se que era necessário se preocupar com quem os utilizaria, isto é, o usuário. Dessa forma, o primeiro dicionário destinado aos aprendizes de uma língua foi o *Oxford Advanced Learner's Dictionary* (HUMBLÉ, 2002, p. 6).

Podemos notar que o objetivo do uso do dicionário esteve por vezes ligado à necessidade do ensino-aprendizagem de línguas, seja para fins comerciais, seja para fins culturais. Na atualidade, vemos um crescente aumento de estudos lexicográficos preocupados com seu usuário ou consulente, como destacam Duran e Xatara (2007, p. 204) a seguir:

Há cerca de 30 anos, os dicionários, que sempre foram um importante acessório para o aprendiz de idiomas, começaram a refletir a preocupação de atender adequadamente as necessidades desse usuário. A especialização da Lexicografia para essa finalidade cresceu tanto que passou a ter denominação própria: Lexicografia Pedagógica (LP) e compreende tanto dicionários bilíngues quanto dicionários monolíngues para estrangeiros.

Essa preocupação em atender as necessidades do aprendiz de línguas é discutida por meio da metodologia do “fazer” dicionários, sendo que o “Lexicógrafo Pedagógico” se atenta para características presentes nos dicionários que podem influenciar no ensino/aprendizagem de línguas (estrangeiras) e, como acrescenta Welker (2008, p. 10, grifo nosso), “línguas (estrangeiras e **materna**)”. Assim, a Lexicografia Pedagógica é a área da Linguística que se propõe a estudar os dicionários que são destinados ao ensino/aprendizagem de línguas, com o intuito de verificar as necessidades do usuário a quem o material foi destinado, bem como buscar subsídios metodológicos para efetivar e garantir ao seu consulente uma significativa consulta. Molina García (2006, p. 14) diz ainda que o nascimento dessa disciplina propiciou

⁵ [...] los lingüistas van a descubrir en el diccionario no sólo una rica fuente de datos sobre la historia y la evolución de las palabras, sino también un interesante objeto de estudio desde el punto de vista metodológico.

uma “revolução lexicográfica”, haja vista que todo o paradigma científico lexicográfico foi modificado devido às necessidades de seu público-alvo.

Molina García (2006, p. 18) identifica três princípios norteadores da disciplina Lexicografia Pedagógica, são eles: (i) ajustar a informação apresentada nas obras de referência às necessidades do usuário; (ii) realizar algumas inovações lexicográficas a fim de suprir as necessidades dos consulentes e, por fim, (iii) orientar um trabalho conjunto do lexicógrafo e do professor para que sejam desenvolvidas habilidades de referência do usuário, a fim de que possa aproveitar as múltiplas possibilidades pedagógicas que o dicionário oferece.

O primeiro princípio está associado às necessidades dos usuários, ao tipo de uso que o consulente fará, isto é, a codificação ou decodificação, a compreensão de textos em língua estrangeira e a produção de textos na língua-alvo respectivamente. Outro tópico que deve ser levado em conta nesse princípio é o nível de conhecimento linguístico a quem o dicionário será destinado, já que, dessa forma, as informações fornecidas poderão ser compreendidas.

O segundo princípio está relacionado com o que a LP trouxe de novo às discussões Lexicográficas; são exemplos: a utilização de *corpus* nos exemplos de uso; maior eficácia no desenvolvimento das instruções de uso; facilidade para encontrar unidade léxicas simples ou complexas; maior facilidade para encontrar informações tanto na micro quanto na macro estrutura; entre outros aspectos.

O terceiro princípio leva em conta outro protagonista dessa área de estudo: o professor ou aquele que fará a mediação entre o dicionário/lexicógrafo e o aluno. Sendo assim, “[...] é preciso que o professor seja preparado para explorar as oportunidades de uso do dicionário em seu plano de aula” (DURAN, 2008, p. 208), isto é, para que o dicionário pedagógico elaborado seja, de fato, satisfatório para a aprendizagem, é necessário que o professor tenha formação e consiga utilizar o dicionário em sala de aula de maneira efetiva, pois, assim, aquilo que foi objeto de estudo do lexicógrafo passa, então, a contemplar a realidade de uso na aprendizagem, o que é o objetivo dos dicionários pedagógicos e é aspecto a ser estudado na Lexicografia Pedagógica.

Esse terceiro princípio, de certa forma, embasa esta pesquisa científica, pois o que se estuda aqui é a formação desse professor para o uso do dicionário em sala de aula. Entretanto, ressalta-se que, para alguns autores, como Welker (2008, p. 18), a LP não abrange os estudos do uso de dicionários, já que, conforme o referido autor, essas pesquisas são destinadas aos estudos sobre o uso desse material. Contrariamente, alguns autores também reconhecidos, como Dolezal e McCreary (1999, apud WELKER, 2008, p. 19), apontam que as investigações sobre

a utilização de dicionários em sala de aula são propostas de discussões que estão presentes na área da Lexicografia Pedagógica ou didática, como preferem outros autores.

Dessa forma, partindo do pressuposto de que este estudo está inserido na área da LP, observamos que, além de pesquisar sobre o usuário e suas necessidades, a LP insere o trabalho com dicionários em sala de aula como objeto de estudos, o que, a nosso ver, se completa no sentido de que as primeiras pesquisas auxiliam na produção de dicionários satisfatórios para o ensino e a segunda, que é o caso deste trabalho, auxilia o professor e o aluno no trabalho com os dicionários em sala de aula.

1.2 A Lexicografia Pedagógica e a Linguística Aplicada

A Linguística Aplicada (LA) está, segundo Almeida Filho (2005, p. 76), “[...] preocupada em encaminhar soluções sistemáticas para questões reais de uso da linguagem no contexto social [...]”, isto é, tem esse fator marcadamente prático – *soluções sistemáticas para uso da linguagem* –, que podemos verificar também em Lexicografia, no que diz respeito à confecção de repertórios léxicos: “[...] a Lexicografia é a disciplina da Linguística Aplicada que se ocupa dos problemas teóricos e práticos que ocorrem na elaboração de dicionários.” (AZORÍN-FERNÁNDEZ, 2006, p. 7).⁶

Por outro lado, junto a essa característica prático-teórica, constatadas nas duas áreas, observamos que outro fator presente em ambas é a interdisciplinaridade, ou seja, necessitam de outras disciplinas ou áreas do saber para que possam responder às questões levantadas pelos usos da linguagem. Dessa forma, ainda segundo o autor supracitado, a Linguística Aplicada e a Lexicografia são áreas interdisciplinares que necessitam da Geografia, da História, da Neurolinguística, da Psicologia, da Pedagogia, enfim, de outras áreas que a ajudem a refletir sobre aquele dado problema de linguagem.

A figura 1, a seguir, de Almeida Filho (2005), nos situa na relação entre a Linguística Aplicada e a Lexicografia. A partir dessa imagem, podemos observar a divisão das três bases científicas que compõem o quadro das ciências da linguagem, bem como o fato de que a LA traz, em sua constituição enquanto ciência, ramificações que são incorporadas por outras ciências que se propõem a discutir sobre o mesmo objeto de estudo e que também são interdisciplinares.

⁶ [...] La lexicografía es la disciplina de la lingüística aplicada que se encarga de los problemas teóricos y prácticos que plantea la elaboración de diccionarios.

Figura 1 – A árvore das Ciências Humanas segundo Almeida Filho (2005)

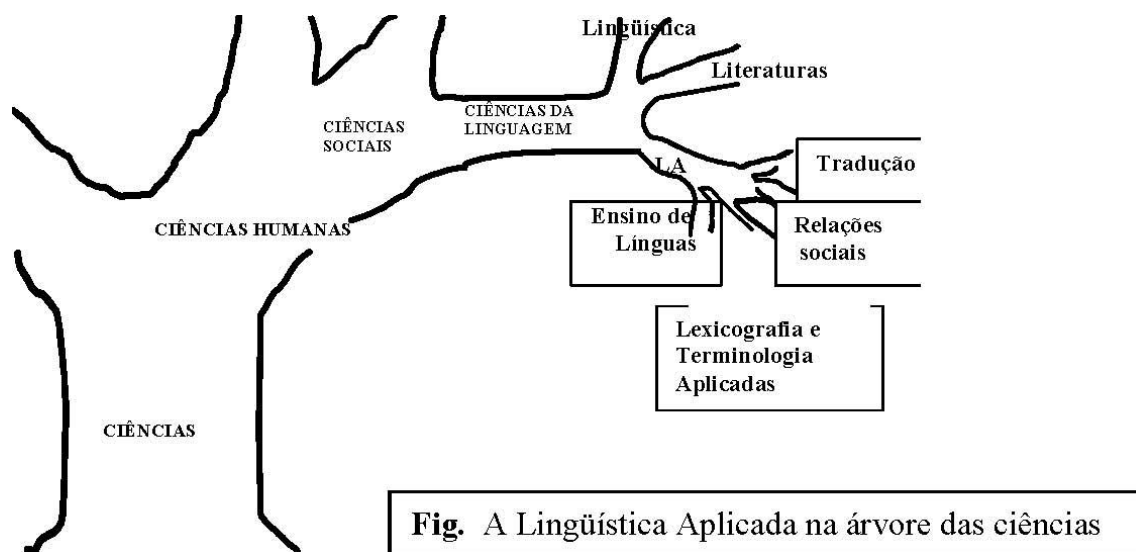


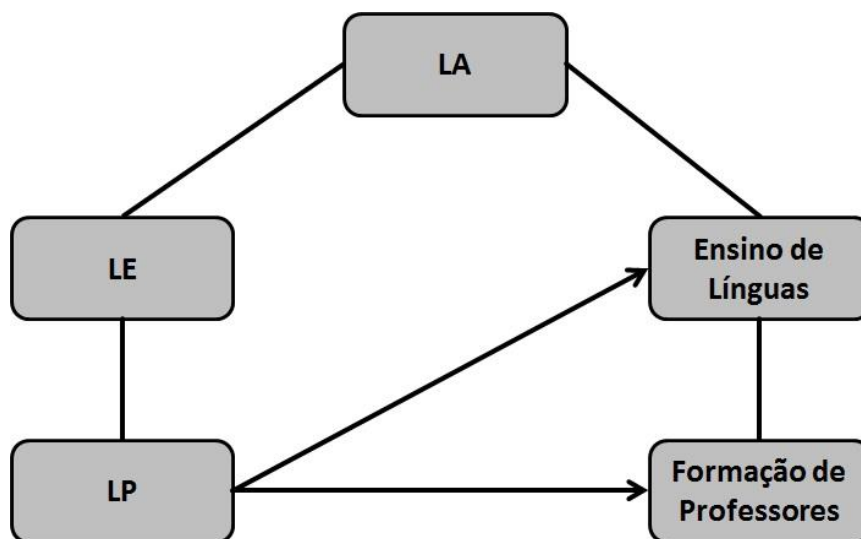
Fig. A Linguística Aplicada na árvore das ciências

Fonte: ALMEIDA FILHO, 2005, p. 54.

Constatamos, por meio da ilustração acima, duas ramificações advindas da área da Linguística Aplicada que corroboraram o nosso estudo, isto é, o Ensino de Línguas, no nosso caso de espanhol como língua estrangeira, e a Lexicografia e suas áreas afins. Ambas as ramificações refletem e teorizam sobre a linguagem em uso: a primeira está preocupada com o como ensinar línguas baseando-se em teorias como a Neurolinguística, a Psicologia, a Pedagogia, entre outras, enquanto a segunda, isto é, a Lexicografia, preocupa-se com os usos da linguagem em tempos, lugares e culturas específicas, visto que necessitará dessa reflexão para elaborar de maneira mais eficaz os glossários, dicionários, entre outras obras lexicográficas. Utilizamo-nos das duas áreas em questão, bem como do tronco que as sustenta, ou seja, a Linguística Aplicada, que fornece subsídios teóricos e práticos para a formação teórica de tais disciplinas.

Há, portanto, uma relação científica entre a Lexicografia Pedagógica e a Linguística Aplicada, visto que ambas se utilizam do mesmo objeto de estudo, ou seja, a linguagem em uso, e porque a LA, com suas pesquisas na área de Ensino e Aprendizagem de línguas – como as de Vieira-Abrahão (2000; 2001); Barcelos (2001); Moita Lopes (2006); Pereira e Roca (2009), por exemplo –, auxilia as investigações da LP no âmbito escolar no que diz respeito ao ensino de línguas estrangeiras e o processo de formação do professor em questão, isto é, são áreas que se complementam. Com isso, elaboramos um organograma (figura 2, a seguir), com o intuito de ilustrar a relação entre as ciências acima citadas.

Figura 2 – Relacionando a LA, LP, Ensino de língua e a Formação de Professores



Fonte: Elaborada pela autora

Observamos, com o auxílio do organograma, que a LP e a LA abarcam as duas áreas de estudos que são utilizadas nessa pesquisa, isto é, o ensino de línguas, no caso a língua espanhola, e a formação de professores para o uso do dicionário em sala de aula. Portanto, sendo ambas áreas do saber interdisciplinares, que estudam a linguagem em uso e, ademais, que contribuem para a formação de professores e o ensino de línguas, é notável a importância e relevância desses dois pilares científico-teóricos para essa investigação, dada a necessidade de se observar e analisar a formação de professores de língua espanhola no que diz respeito ao uso do dicionário como material didático que está presente em sala de aula.

1.3 O uso do dicionário em sala de aula

O propósito desta subseção é discutir sobre o uso do dicionário na sala de aula, por essa razão, tratamos aqui a respeito não só da formação do professor, mas também da autonomia do aluno e da responsabilidade que o professor tem nessa conquista. Entretanto, refletir sobre a importância desse recurso ou, mais especificamente, dos vocábulos na aprendizagem de língua estrangeira, se faz necessário. Revisitamos, a partir do que constata Leffa (2000, p. 24) sobre o léxico no ensino de línguas:

Se alguém, ao estudar uma língua estrangeira, fosse obrigado a optar entre o léxico e a sintaxe, certamente escolheria o léxico: compreenderia mais um texto identificando seu vocabulário do que conhecendo sua sintaxe. Da mesma

maneira, se alguém tiver que escolher entre um dicionário e uma gramática para ler um texto numa língua estrangeira, certamente escolherá o dicionário. Língua não é só léxico, mas o léxico é o elemento que melhor a caracteriza e a distingue das outras.

Com esse fragmento, observamos o lugar do léxico no ensino de línguas, ou seja, o aluno quer, ao mesmo tempo, distanciar/aproximar as palavras, quer observar na língua-outra o que se nomeia diferente, quer o novo. Esse distanciamento/aproximação pode se dar pelo léxico, a partir do momento que mencionamos na aula de língua espanhola que aquilo que o professor utiliza para apagar a lousa não é mais só apagador, mas também *borrador*. Assim, a ideia que o aprendiz tem daquele objeto muda e acrescenta-se com essa nova informação linguístico/cultural.

Ao relacionarmos linguística e cultura, observamos outro objetivo do léxico no ensino de línguas pela ação distanciar/aproximar que é o “identificar o outro”, ou seja, ensinar/aprender sobre a cultura do outro através da língua estrangeira. Aspecto que é, também, discutido na fala de Isquierdo e Krieger (2004, p. 11) “Assim, o léxico como repertório de palavras das línguas naturais traduz o pensamento das diferentes sociedades no discurso da escola, razão por que estudar o léxico implica também resgatar a cultura”.

A partir dessa discussão, observamos o lugar do léxico no ensino-aprendizagem de línguas, isto é, este propicia ao aluno a ação do desconhecer/conhecer e interpretar/identificar o outro a partir da sua língua e cultura. Entretanto, percebemos por meio de discursos do senso comum como: “*O dicionário é o ‘Pai dos burros’*” ou, ainda, “*Não deixo meus alunos utilizarem o dicionário em sala, porque ‘isso’ não é aprender, é traduzir*”, que o dicionário não é o material didático mais utilizado em sala de aula, seja por esse estigma fortemente marcado como um material inferior, seja pela não exploração desse material didático no contexto de sala de aula por parte do professor e dos alunos.

Nesse sentido, observamos com esses comportamentos ou dizeres que existem crenças que impedem ou distanciam aluno e professor do uso efetivo do dicionário em sala de aula. Essas crenças podem ser definidas, segundo Barcelos (2001, p. 72), como “[...] opiniões e ideias que os alunos (e professores) têm a respeito dos processos de ensino e aprendizagem de línguas”; no caso aqui presente, do uso de um material didático e o que ele representa para o método escolhido que está sendo utilizado nas aulas. Por isso, a nosso ver, é papel do professor desmistificar o uso do dicionário em sala de aula e trabalhá-lo de forma significativa para que, então, incremente suas aulas de ensino de vocabulário e, por conseguinte, amplie a competência léxica de seu aluno.

Em sala de aula, sabemos que o professor, na maioria das vezes, utiliza uma grande quantidade de materiais didáticos, como livros, paradidáticos, notícias de jornais, músicas, filmes, dicionários, etc. Essa extensão de usos didáticos só é validada quando eles assumem o papel de material, isto é, quando servem como facilitadores para a compreensão do conhecimento.

No processo educativo, quer seja na disciplina de línguas, quer seja em qualquer outra disciplina, deverá haver discussões sobre o uso destes materiais para que os objetivos e desejos de ambas as partes no processo de ensino-aprendizagem sejam atendidos. Por isso, ao utilizar qualquer tipo de material didático, o professor deverá explicá-los aos alunos e explicitar os objetivos pelos quais fará uso daquela obra, assim como evidencia Alvar-Ezquerria (2003, p. 13):

O uso que os estudantes farão do dicionário durante a aprendizagem da língua dependerá das instruções dadas pelo professor. Por isso, é importante e faz-se necessário que o professor conheça os dicionários e saiba o que poderá aproveitar deles.⁷

Entretanto, no que diz respeito a ensinar sobre o uso de dicionários em sala de aula, muitos professores “ora não sabem como ensinar tais habilidades, ora não consideram isso seu papel” (DURAN, 2008, p. 203). Dessa forma, os professores, muitas vezes, por não terem formação adequada, se eximem da questão do ensino do uso e não conseguem, assim, explorar didaticamente esse instrumento em sala de aula com seus alunos, sendo que, por tal razão, esse material acaba perdendo o sentido e utilidade no ambiente escolar.

O primeiro tópico que o professor deve atentar-se, para que faça um uso efetivo desse material, é a escolha acertada da obra. Conforme escreve Prado Aragonés (2005, p. 19),

[...] para que os alunos possam tirar o máximo proveito desta obra de consulta, é imprescindível que utilizem em cada momento o dicionário mais adequado para satisfazer suas necessidades formativas e informativas, saibam utilizá-lo e tenham destrezas para consultá-lo.⁸

⁷ El empleo que hagan del diccionario los estudiantes durante el aprendizaje de la lengua dependerá de las instrucciones que le dicte su profesor. Por eso es por lo que resulta importante y necesario que el profesor conozca los diccionarios y sepa qué partido puede sacar de ellos.

⁸ [...] para que los alumnos puedan sacar el máximo provecho de esta obra de consulta es imprescindible que utilicen en cada momento el diccionario más adecuado para satisfacer sus necesidades formativas e informativas, sepan manejarlo y tengan destreza a la hora de consultarlo.

Desse modo, o referido autor define três pontos importantes para a inclusão do dicionário em sala de aula como material didático, a saber: (i) a escolha da obra a partir do nível linguístico do aprendiz; (ii) o ensino sobre o uso do dicionário aos aprendizes e (iii) o desenvolvimento da destreza no ato da consulta.

O primeiro tópico é a escolha da obra que será utilizada em sala; para tanto, é necessário verificar o nível linguístico da sala, o tipo de dicionário (monolíngue, bilíngue, escolar, etc.), o destino do uso (função: codificador ou decodificador → escrita/leitura) e a idade dos aprendizes. No que diz respeito à escolha do tipo de dicionário, há alguns autores, como Gualda (2008, p. 108), que acreditam que o dicionário bilíngue deva auxiliar o aprendiz tão somente até ele se sentir familiarizado com o monolíngue. No entanto, em nossa concepção, tanto o dicionário bilíngue quanto o monolíngue devem ser utilizados em qualquer momento da aprendizagem, pois ambos são ganhos representativos à competência comunicativa do aluno.

Ao tratar sobre o segundo tópico – o ensino do uso do dicionário –, nos deparamos com uma indagação: “*Quem é responsável por tal ensino?*”. Duran (2008, p. 200) contesta essa questão dizendo ser esta uma tarefa cabível ao professor de línguas; entretanto, nos ocorre outra questão: “*Será que o professor de línguas tem formação para tal atividade?*”. A resposta seria “não”, segundo Pontes e Santiago (2009, p. 110), visto que a maioria dos professores de línguas não tem, em seu processo formativo, disciplinas como a Lexicografia, por exemplo, na qual poderiam surgir discussões sobre esse assunto e, desse modo, estratégias para lidar com tal atividade de ensino.

Com isso, observamos que há alguns aspectos que deverão ser levados em conta para que o dicionário seja incluído em sala de maneira didática, isto é, a formação do professor de línguas e a disciplina Lexicografia, conforme nos retrata Hernández (2008, p. 30):

[...] as deficiências formativas do professorado em relação ao uso do dicionário na classe de espanhol como língua não materna manifestam a necessidade de incluir mais conteúdos de Lexicografia nos planos de estudos de filologia e na formação de professores.⁹

O terceiro e último tópico elencado por Prado Aragonés (2005) trata do desenvolvimento da destreza no ato da consulta, que é uma consequência favorável do segundo, isto é, quando o aluno aprende a utilizar o dicionário e o utiliza frequentemente, ele adquire

⁹ [...] las deficiencias formativas del profesorado [en relación con el diccionario en la clase de español como lengua no materna, manifiesta la necesidad de incluir más contenido de lexicografía en los planes de estudio de filología y en la formación de profesores.

também algumas habilidades de consultas, assim como nos sugere o referido autor no trecho a seguir:

[...] sua consulta e uso assíduo lhes permitirá avançar em sua aprendizagem de forma autônoma e lhes reportará às múltiplas vantagens para sua formação, contribuindo para os conhecimentos Linguísticos e culturais.¹⁰ (PRADO ARAGONÉS, 2005, p. 24).

Entretanto, o desenvolvimento de tal destreza pode ser trabalhado em classe com o professor, visto que existem trabalhos nesta área que podem colaborar para o ensino de tais habilidades, como por exemplo, o trabalho de Nesi (1999 apud DURAN, 2008, p. 204). Assim, novamente, ressalta-se a importância de o professor ter, em seu processo formativo, alguma disciplina que lhe forneça tanto subsídio teórico quanto prático, para que ao atuar em sala de aula, utilize com destreza o dicionário junto a seus alunos.

Portanto, a discussão que embasa o ensino do léxico e o uso do dicionário em sala de aula se centra, conjuntamente, com o processo formativo do professor. No caso desta pesquisa, optamos por focalizar o professor em formação que, ainda, não está atuando, ou seja, que está, em seu processo, moldando, por meio de discussões e reflexões, o que será sua prática docente.

Dessa forma, ao participar e, quiçá, contribuir com o graduando por meio de discussões que o auxiliem no trabalho com esse material em sala, estamos pesquisando e trabalhando para que o ensino do léxico e o uso do dicionário não sejam aspectos descartados no ensino de línguas, uma vez que o ensino do léxico é fator importante nesse processo, pois assim como argumentam Murakawa e Nadin (2013, p. 7, grifo nosso), “a ‘**realidade**’ passa a existir de fato somente depois que recebe um nome, antes ela é simplesmente ‘**coisa**’”, ou seja, quando nomeamos as “coisas” do mundo estamos dando vida a elas e à língua que aprendemos, dessa forma, estamos, de fato, no processo de ensino e aprendizagem da língua em questão.

¹⁰ [...] su consulta y uso asiduo les permitirá avanzar en su aprendizaje de forma autónoma y les reportará múltiples ventajas para su formación, aportándoles conocimientos Linguísticos y culturales.

2 DICIONÁRIO COMO MATERIAL DIDÁTICO E O CONCEITO DE PROFESSOR EM FORMAÇÃO REFLEXIVA

[...] estar em formação implica um investimento pessoal, livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade pessoal, que é também uma identidade profissional, ou seja, a formação se constrói através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de reconstrução permanente de uma identidade pessoal. (NÓVOA, 1991, p. 91).

Nesta seção, discutimos sobre o conceito de materiais didáticos, situando o dicionário como integrante dessa lista, bem como sobre o professor em formação reflexiva. Ao relacionarmos esses dois tópicos, discutimos sobre a relação entre a formação do professor de língua espanhola e o uso reflexivo que poderá fazer, em suas futuras práticas, dos materiais didáticos disponíveis em sala de aula.

2.1 O que é material didático?

As primeiras respostas possíveis dadas à pergunta que intitula esta subseção seriam: “O livro utilizado pela professora na sala de aula” ou “Aquele caderno no qual fazemos as lições; apostila”. A partir dessas colocações, dissertamos sobre o que condiciona o “ser” material didático e como essa definição necessita daqueles que farão essa transformação, isto é, o professor e o aluno.

Muito se tem falado, em teses e dissertações em Linguística Aplicada, sobre materiais didáticos, seja criando critérios de avaliação, seja analisando as atividades e propostas de ensino ou, ainda, fazendo objeções quanto à forma do livro didático (BELMIRO, 2000; CRISTOVÃO, 2005; VILAÇA, 2008). Entretanto, pouco se tem discutido sobre a essência desse conceito.

Para Bandeira (2009, p. 19), o material didático é “produto pedagógico utilizado na educação e, especificamente, tem como objetivo ser um material instrucional que se elabora com finalidade didática”, ou seja, se faz uso de um material com a intenção de se desenvolver aspectos que devem ser discutidos no processo de aprendizagem.

Santos Gargallo (2010, p. 49) acrescenta a questão do conceito de material didático dizendo que “[...] os materiais didáticos refletem uma maneira de entender a natureza da

linguagem e a natureza do processo de aprendizagem de uma língua estrangeira”¹¹, ou seja, os materiais didáticos influenciam o processo de ensino e aprendizagem de línguas, visto que interferem no tópico de escolha da abordagem utilizada em sala e, também, na definição do que seja a linguagem para o professor de línguas.

Sobre o uso dos materiais nas aulas de línguas, Santos Gargallo (2010, p. 50-51), citando Visedo e Santos (1996), nos traz um *Catálogo de Materiales didácticos para la enseñanza del español como lengua extranjera* (Quadro 1), que organiza os materiais mais utilizados no ensino e aprendizagem de espanhol como língua estrangeira até o ano de 1995.

Quadro 1 – Catálogo de materiais didáticos destinados a ensino de E/LE (1995)

1. Métodos

- Adultos
- Niños
- Autoprendizaje

2. Español para fines específicos

3. Material Complementario

- Destrezas lingüísticas
- Pruebas de evaluación y nivel
- Otros materiales

4. Gramáticas

- Generales
- Aplicadas
- Monografías
- Ejercicios de gramática

5. Diccionarios, vocabularios y libros de estilo

- **Diccionarios monolíngues**
- **Diccionarios de temas específicos**

¹¹ [...] los materiales reflejan una manera de entender la naturaleza del lenguaje y la naturaleza del proceso de aprendizaje de una lengua extranjera.

- **Vocabulários de E/LE**
- Repertórios de funciones lingüísticas

6. Material de apoyo (para el profesor)

- Linguística Aplicada
- Revistas especializadas
- Actas de Congresos

7. Leer em español: colecciones

Fonte: SANTOS GARGALLO, 2010, p. 50-51, grifo nosso.

A partir do quadro acima, observamos que os dicionários, nesse momento, apenas os monolíngues, ganham espaço entre os materiais mais utilizados para o ensino de espanhol como língua estrangeira. Entretanto, como já discutimos anteriormente, os bilíngues, segundo alguns autores, são eficientes aos alunos que estão se familiarizando com o uso do dicionário ou estão em um nível básico de conhecimento da língua espanhola. Por isso, há de se ressaltar a importância desse material em seus vários níveis de aprendizagem e, para isso, é necessário acrescentar nessa reflexão os dicionários bilíngues, plurilíngues, de antônimos, de sinônimos, etc.

Dessa forma, professor e alunos, por meio da definição do conceito de material didático, têm autonomia em criar seus próprios, sejam a partir de músicas, filmes, jornais, bilhetes de cinema, cartas ou outros materiais. O trabalho conjunto entre professor e aluno corrobora o processo de ensino-aprendizagem, já que ambos são atores desse processo e os transformadores do que chamarão de materiais didáticos. Dessa forma, atuarão e transformarão os conteúdos didáticos juntos. Nesse caso, focados na aprendizagem do espanhol como língua estrangeira.

Não queremos, com isso, dizer que o professor deva recusar o uso do livro didático em sala de aula, pois, como definem Gérard e Roegiers (1998 apud FRISON et al, 2009, p. 43), o livro didático é “um instrumento impresso, intencionalmente estruturado para se inscrever em um processo de aprendizagem, com fim de lhe melhorar a eficácia”. Posto isso, faz-se necessário discutir sobre estes aspectos da essência do livro didático com o professor em formação e, a partir disso, incitá-lo a transformar outros conteúdos em materiais didáticos, ou seja, esta discussão poderá auxiliá-lo a levar às aulas atividades que motivem os alunos na aprendizagem da língua estrangeira. Logo, o professor em formação reflete mais sobre o uso

do livro didático e de outros materiais que podem ser utilizados didaticamente, bem como sobre o que é e o que não é didático.

2.2 O dicionário como material didático

A partir da concepção de Bandeira (2009, p. 19) e Santos Gargallo (2010, p. 50-51), a resposta a indagação que intitula essa subseção seria “sim”, visto que este material facilita, por exemplo, a leitura e escrita de textos. Castillo Carballo e García Platero (2003, p. 340) observam que

[...] o dicionário é um instrumento muito eficaz para obter uma aprendizagem adequada dos diferentes níveis linguísticos, porém, durante muito tempo, não recebeu a devida atenção. [...] o dicionário é um elemento fundamental na comunicação, desde o momento em que melhora a competência léxica, a morfossintática, e, ademais, contribui para a definição e fixação dos usos da língua.¹²

Entretanto, essa constatação encontra alguns empecilhos e, por isso, o que vemos é um acervo de dicionários em algumas escolas sem que ninguém os utilize. Parte desses empecilhos se encontra na formação de professores de línguas. Muitos desses graduandos/futuros professores, na maioria das vezes, não tem contato com a Lexicografia e, por isso, não conseguem indicar aos seus alunos bons dicionários (uma escolha que deve ser pautada segundo algumas discussões teóricas sobre Lexicografia); também não conseguem aplicar uma atividade que relacione o uso do dicionário com seus alunos que consiga obter um resultado didático satisfatório. Dito resultado está relacionado ao fato da relevância da presença do dicionário em sala de aula, como pontuam Castillo Carballo e García Platero (2003, p. 342) “[...] a obra lexicográfica deverá compartilhar um lugar junto aos outros materiais de especial importância”¹³, ou seja, existem vários materiais didáticos e entre eles estão os dicionários que podem contribuir para a formação linguística do usuário que os utiliza e os professores devem reconhecer seu lugar e dar a esse material importância satisfatória, como dá aos outros expostos em sala de aula. Os alunos poderão sentir-se familiarizados com os dicionários se o professor assim se sentir, pois, dessa forma, poderá incentivá-los e ensiná-los com aptidão.

¹² [...] el diccionario es un instrumento eficaz para obtener un aprendizaje adecuada de los diferentes niveles lingüísticos, si bien, durante mucho tiempo, no se le ha prestado la atención debida. [...] el diccionario es un elemento fundamental en la comunicación, desde el momento en que mejora la competencia léxica, la morfossintáctica, y, además, contribuye a la definición y fijación de los usos de la lengua.

¹³ [...] la obra lexicográfica ha de ocupar un lugar compartido con otros materiales, de especial importancia.”

Entretanto, o docente pode se perguntar como fazer isso, isto é, como utilizar o dicionário em sala de aula de forma que motive o aluno e que o auxilie em seu processo de ensino e aprendizagem. Surge, a partir disso, outra discussão sobre a inclusão desse material em sala de aula, pois os professores necessitam de um auxílio ou instrução de como utilizá-lo. Precisamos, então, mostrar aos professores as características desse material, o quão rico é seu conteúdo e, assim, incentivá-los a usar em sala de aula e a criar atividades que contribuam para o uso desse material e, por ventura, o primeiro passo seja feito por meio da discussão sobre a formação do professor e o uso desse material, o que embasa e sustenta nossa pesquisa.

2.3 A escolha de um dicionário para uso em sala de aula

Para que a escolha de uma obra lexicográfica seja satisfatória, é necessário que se observe o tipo de dicionário que é preciso; assim, de acordo com Humblé (2008, p. 11), as atividades de produção (dicionário ativo) e compreensão (dicionário passivo) requerem organizações diferentes do dicionário. No caso da compreensão, o consulente necessitará de uma macroestrutura extensa, com uma grande quantidade de palavras, indo desde as mais usuais até as menos frequentes, além do que se faz necessário a presença de lexias complexas.

Sobre a produção textual, Humblé (2008) nos informa que essa tarefa é mais complexa que a anterior, visto que o contexto está sendo produzido para um aprendiz de uma língua estrangeira, não nativo, portanto o dicionário precisa de uma microestrutura bem elaborada, com definições que possam ser empregadas em contextos variados, com exemplos de uso que sirvam para sua produção e entendimento linguístico.

A partir dessa discussão, deve o professor atentar-se para o nível linguístico de seus alunos, bem como para a faixa etária mediana de sua sala de aula, pois há dicionários destinados a vários tipos de consulentes. Por exemplo, para o público infantil é recomendável que se utilize materiais que contenham um maior número de imagens para que as crianças, em um primeiro contato com a língua, associem figura e linguagem. Já no caso dos dicionários destinados aos jovens, talvez, essa mesma opção não se configure como a escolha mais adequada. É por isso que, antes de eleger uma obra, o professor deve conhecer sua sala e caracterizá-la segundo alguns aspectos dos dicionários disponíveis. Para tanto, discutir sobre algumas características e tipos de dicionários destinados ao ensino de línguas pode ser uma alternativa para que, então, seja eleita uma obra satisfatória à sala de aula.

Posto isso, discutimos a seguir, nas duas primeiras subseções, as características e tipos de dicionários destinados ao ensino de espanhol como língua materna e, logo após, o mesmo assunto, entretanto o enfoque está no ensino de língua portuguesa como materna. Encerrando esta seção, tratamos de alguns dicionários destinados ao ensino do espanhol no Brasil. É importante ressaltar que não é o objetivo deste trabalho descrever ou analisar dicionários, mas auxiliar o trabalho com os dicionários em sala de aula e, para isso, utilizamos esta parte da pesquisa para mostrar ao professor algumas das obras utilizadas no Brasil, pois, assim, é possível que a escolha desse material, a partir desta apresentação, seja mais acessível.

2.3.1 Os tipos e características dos dicionários destinados ao ensino de espanhol como língua materna

De acordo com Prado Aragonés (2005, p. 19), cada dicionário é destinado a um grupo de alunos segundo “[...] as necessidades formativas reais desses alunos, em função de sua idade e de seu nível de conhecimento linguístico”¹⁴, e, assim, a partir desta constatação, observamos que o professor deve ter esse conhecimento para que então possa fazer uso de determinado dicionário em sala de aula, tendo como base para essa escolha seu grupo de alunos e o nível linguístico que eles possuem da língua que estão aprendendo.

Para que o professor possa fazer tal escolha, alguns teóricos de Lexicografia desenvolveram algumas reflexões sobre os dicionários destinados ao uso escolar, caracterizando-os segundo seu público alvo (conforme idade dos alunos), quantidade de lemas que deve conter cada um dos dicionários e algumas características do formato que deve adquirir tais dicionários, como é possível observar no Quadro 2.

¹⁴ “[...] las necesidades formativas reales de esos alumnos, en función de su edad y su nivel de conocimiento linguístico”.

Quadro 2 – Características e tipos de dicionários direcionados ao ensino de espanhol como língua materna

DICCIONARIOS INFANTILES	DICCIONARIOS ESCOLARES	DICCIONARIOS PARA LA ENSEÑANZA DE ESPAÑOL
DESTINADO A NIÑOS DE HASTA 8 AÑOS	DESTINADO A NIÑOS DE 8 A 12 AÑOS	ESTUDIANTES NATIVOS – EN ESPECIAL EN LA FASE INTERMEDIA
ENTRE 1000 Y 2000 LEMAS	UNOS 10.000 VOCABLOS	MÁS DE 10.000 VOCABLOS

Fonte: CASTILLO CARBALLO; GARCÍA PLATERO, 2003, p. 340-343.

As informações apresentadas no quadro 2, elaborado por Castillo Carballo e García Platero, referem-se aos falantes de espanhol como língua materna. Assim, refletimos sobre os tipos de dicionários que os autores mencionam, suas características e o público de destino destes materiais.

O primeiro tipo, *Diccionarios Infantiles*, é destinado a crianças de até oito anos, contem de 1000 a 2000 lemas e, segundo os autores, se caracteriza por conter muitas ilustrações e poucas palavras, característica importante nesse primeiro contato com o dicionário que deve ser algo lúdico, já que a criança, em um primeiro momento, associa a imagem à palavra.

Os *Diccionarios Escolares* têm como possíveis usuários as crianças de oito a 12 anos, disponibilizam até 10.000 vocábulos e já não existem mais tantas figuras, pois no lugar delas estão os sinônimos e antônimos, pois acreditam os autores que esta reflexão sobre as relações paradigmáticas pode facilitar a produção de mensagens.

Por fim, os *Diccionarios para la enseñanza de Español* destinam-se aos estudantes nativos em uma fase intermediária, ou seja, os estudantes do Ensino Médio. Segundo os autores, esses dicionários se situam entre os *Diccionarios escolares* e os *Diccionarios generales*.

Os autores chamam ainda a atenção para aspectos metodológicos desses três tipos de dicionários, isto é, o trabalho com as figuras como um complemento eficaz para o ensino de

vocabulário, o desenvolvimento das definições para que elas não se tornem breves demais e que tenham pouca utilidade para o consulente e, ainda, uma análise para observar se o *corpus* que serviu de base era o mais indicado para aquele usuário, se lhe serviria de fato para suas necessidades linguísticas. Todas estas reflexões levam em consideração o ensino e o educando e, por isso, podem auxiliar os professores de espanhol como língua materna a potencializar o ensino de vocabulário em suas aulas, já que estes dicionários estarão mais próximos e eficientes de seus devidos destinatários.

2.3.2 Os tipos e as características de dicionários destinados ao ensino de português como língua materna

Observamos o paradigma de tipos e características de dicionários destinados ao ensino de espanhol como língua materna proposta por Castillo Carballo e García Platero (2003) no quadro 1. De forma análoga, no Brasil, com a inclusão dos dicionários de língua portuguesa no PNLD, elaborou-se, também, uma reflexão sobre as características de dicionários pensados para o ensino de língua portuguesa como língua materna. Para uma breve reflexão, citamos a seguir o quadro em questão. Por meio dele (quadro 3), analisaremos os tipos e características dos dicionários destinados ao ensino do português como língua materna, também faremos algumas discussões a partir dessas características e o destino desses dicionários.

Quadro 3 – Características e tipos de dicionários direcionados ao ensino de português como língua materna

Tipos de dicionários	Etapas de ensino	Caracterização
Dicionários de Tipo 1	1º ano do Ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"> Mínimo de 500 e máximo de 1.000 verbetes; Proposta lexicográfica adequada às demandas do processo de alfabetização inicial.
Dicionários de Tipo 2	2º ao 5º ano do Ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"> Mínimo de 3.000 e máximo de 15.000 verbetes; Proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio tanto da escrita quanto da organização e da linguagem típicas do gênero dicionário.
Dicionários de Tipo 3	6º ao 9º ano do Ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"> Mínimo de 19.000 e máximo de 35.000 verbetes; Proposta lexicográfica orientada pelas características de um dicionário padrão de uso escolar, porém adequada a alunos dos últimos anos do ensino fundamental.
Dicionário de Tipo 4	1º ao 3º ano do Ensino Médio	<ul style="list-style-type: none"> Mínimo de 40.000 e máximo de 100.000 verbetes; Proposta lexicográfica própria de um dicionário padrão, porém adequada às demandas escolares do ensino médio, inclusive o profissionalizante.

Fonte: BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA, 2012, p. 19.

Os primeiros, *Dicionários de Tipo 1*, contêm de 500 a 1.000 verbetes, atendem os estudantes do primeiro ano do Ensino Fundamental, têm uma proposta adequada para essa fase e recorrem bastante às figuras, tanto pelo caráter motivacional como pela explicitação da significação. Para um primeiro contato com o dicionário – já que o material é indicado para o primeiro ano do Ensino Fundamental –, este tipo de dicionário mostra-se adequado, pois não contém muitas entradas, o que não o torna muito extenso, e sua parte externa chama atenção (caráter motivacional) de seus consulentes que estão, ainda, muito ligados à imagem.

Os *Dicionários de Tipo 2* contêm de 3.000 a 15.000 verbetes e têm uma proposta adequada aos alunos que estão consolidando o domínio da escrita e estão, também, compreendendo a linguagem utilizada no dicionário. Observemos, em primeira instância, que esse é um dicionário que está disponível para os alunos do segundo ao quinto ano do Ensino Fundamental, o que nos leva a refletir sobre o que esses anos têm em comum e, ao mesmo tempo, em que são diferentes. O segundo ano está, assim como o terceiro, quarto e quinto, organizando e sistematizando a língua, nesse caso, portuguesa. Entretanto, nem o segundo e nem o terceiro possuem características de consolidação do domínio da escrita, pois estão ainda em um processo de assimilação das palavras, estão sendo apresentados a esse mundo da escrita. Por isso, analisamos esses dicionários como muito abrangentes para esse grupo (do 2º ao 5º ano), sendo que, talvez, fosse mais interessante manter o tipo 1 para o 1º, 2º e 3º anos e o tipo 2 para o 4º e o 5º, uma vez que têm características educacionais parecidas.

Os *Dicionários de Tipo 3*, destinados aos alunos de 6º ao 9º ano, contêm de 19.000 a 35.000 verbetes e se caracterizam como dicionário padrão de uso escolar. Porém, se pensarmos no tamanho deste dicionário, não diríamos que ele possa ser utilizado como um dicionário escolar, pois essa quantidade de verbetes não está associada ao aluno que, nesses anos, está consolidando e estruturando a linguagem padrão. Esse aluno talvez não necessite desta quantidade de entradas, mas, sim, de uma microestrutura bem desenvolvida, que trabalhe com sinônimos, antônimos, com expressões de uso, etc.

Os *Dicionários de Tipo 4* contêm de 40.000 a 100.000 verbetes e são destinados aos alunos dos anos de Ensino Médio. Assim como nos dicionários de Tipo 3, observamos um excesso de entradas. Observamos esse fato como um empecilho, pois nosso intuito, nesta pesquisa, é que o dicionário seja utilizado nas atividades de sala de aula, não apenas como consulta, e não se torna muito viável, nem para o aluno e nem para o professor, criar uma atividade que motive o uso de um dicionário tão grande como esse. Deparamo-nos, assim, novamente, com a reflexão da necessidade dessa quantidade de palavras para o aluno que está desenvolvendo sua capacidade linguística.

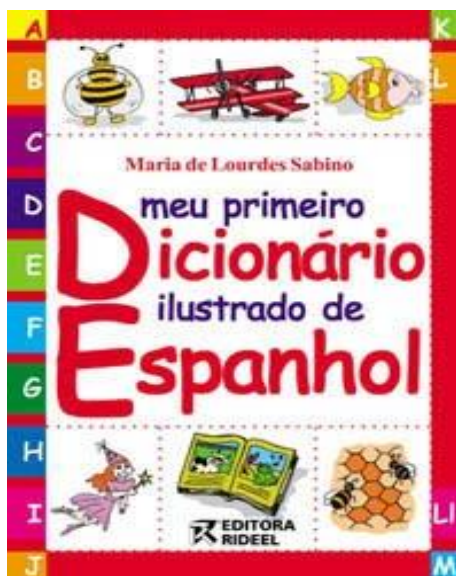
A partir das discussões dois quadros, observamos que se tem muito ainda o que pensar sobre os dicionários que estão destinados ao ambiente escolar de língua materna, mas esta reflexão pode nos auxiliar a escolher, caracterizá-los e destiná-los aos alunos que estão aprendendo língua estrangeira, se o Programa Nacional do Ensino Médio disponibilizar, assim como fez com os livros didáticos, os dicionários de língua espanhola. Por isso, verificar e analisar como são definidos os tipos, características e público consulente (como dispostos nos quadros acima) pode nos auxiliar, também, nesta reflexão.

2.3.3 Breve descrição de dicionários destinados ao ensino de espanhol como língua estrangeira usados no Brasil.

A escolha do dicionário dependerá, como já dito, do nível linguístico dos alunos, do tipo de dicionário que se quer utilizar e da finalidade do uso. Sabemos que todos esses aspectos estão intimamente relacionados e que a escolha caberá ao professor que orientará seus alunos segundo esses tópicos. Entretanto, Haensch (1982), citado por Höfling; Silva e Tosqui (2004, p. 3), menciona alguns outros itens que devem ser levados em conta na seleção desse material:

1. tipo de dicionário; 2. introdução elucidativa; 3. data de publicação mais recente; 4. público visado; 5. número de entradas; 6. inclusão de termos de diferentes níveis linguísticos; 7. apresentação da definição e/ou do equivalente; 8. transcrição fonética (de preferência feita com base no AFI – Alfabeto Fonético); 9. informações gramaticais suficientes; 10. inclusão de ilustração e exemplificação; 11. inclusão de anexos.

A partir disso, apresentamos abaixo (Figuras 3, 4, 5 e 6) alguns dicionários destinados ao ensino de espanhol como língua estrangeira que podem auxiliar na escolha do material que será utilizado em sala. Descrevemo-nos de forma sucinta; entretanto é necessário dizer que, para se escolher um dicionário que seja eficiente para a aprendizagem que se deseja, deve-se analisar os aspectos acima citados, já que, assim, pode-se garantir que o dicionário foi destinado à aprendizagem, o que poderá, também, auxiliar no processo de ensino-aprendizagem da língua estudada.

Figura 3 – Reprodução da capa do *Meu primeiro dicionário ilustrado de Espanhol*

O *Meu primeiro Dicionário ilustrado de Espanhol* editado em 2003 e elaborado por Maria de Lourdes Sabino é destinado ao público infantil, especificamente, aos alunos do Ensino Fundamental que estão no processo de ensino e aprendizagem de língua espanhola. É um dicionário bilíngue espanhol-português, que faz uso de muitas figuras, para que a assimilação seja mais didática; ademais, possui quadros temáticos que explicitam algumas saudações, pedidos de desculpas, permissões, números, meses do ano, dias da semana e estações do ano. O trabalho com esse material pode ser muito frutífero se os alunos já se acostumarem com ele desde crianças, fazendo da utilização de dicionários em sala de aula algo natural e agradável no processo de aprendizado da língua.

Ressaltamos, ainda, que os referidos quadros temáticos podem auxiliar o professor no ensino de *frases hechas*, dos números, dos dias da semana, isto é, ao aprender sistematicamente este conteúdo no livro didático, o professor poderá recorrer ao dicionário e praticar em conjunto com os alunos o conteúdo dos quadros, aproximando as crianças, dessa forma, ao material.

Figura 4 – Reprodução da capa do *Dicionário Santillana para estudantes*

O Dicionário Santillana para estudantes foi publicado em 2008, em versão atualizada e revisada de acordo com o novo acordo ortográfico. Contém páginas temáticas (quadros ilustrados) que trabalham com associação entre a palavra e a imagem, e traz um CD-ROM com o dicionário completo, além de algumas atividades. Pelas informações dadas na contracapa da obra, percebemos que é especialmente desenvolvido para estudantes dos níveis básico e intermediário.

Possui 38.000 palavras, locuções e exemplos, ademais, cada verbete apresenta a marcação de tonicidade e a divisão silábica, aspectos importantes para o dicionário pedagógico, pois, assim como argumenta De Grandi (2014, p. 96), “[...] é relevante ao aprendiz da língua estrangeira a apresentação do verbete de forma colorida e a divisão silábica”. A autora exemplifica a questão com o verbete *academia*, que é um heterotônico entre o português e o espanhol, ou seja, tem a mesma grafia, porém as sílabas tônicas são distintas. Destaca-se que a marcação das sílabas tônicas e a aparição do lema colorido auxiliam o aprendiz na consulta, já que com outra cor o lema aparece de forma mais clara nas páginas e o aluno observa a tonicidade marcada com a pontuação.

As atividades apresentadas no CD-ROM ajudam o professor no trabalho com o dicionário em sala de aula; além disso, os apêndices, os glossários temáticos e os falsos cognatos podem auxiliar na elaboração de exercícios que contribuam para o ensino e

aprendizagem de vocabulário e recorram ao uso do material, efetivando-o e tornando-o legítimo e eficaz.

Figura 5 – Reprodução da capa do dicionário escolar espanhol *PONS*



O Dicionário escolar Espanhol *PONS*, editado por Martins Fontes no ano de 2010, apresenta-se como uma ferramenta ideal para o estudante brasileiro de língua espanhola, contém 72.000 palavras, frases e exemplos de uso. Utiliza a variante do Espanhol Peninsular e da América Latina, além de possuir indicações de usos regionais e das formas irregulares de verbos e adjetivos.

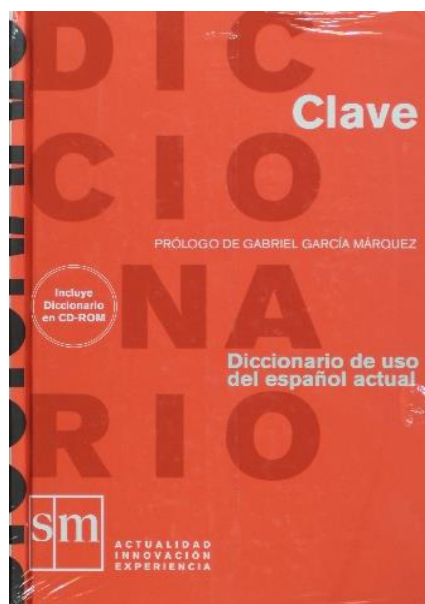
A obra comporta dois quadros de símbolos fonéticos: o primeiro destina-se ao espanhol e o segundo, ao português. São utilizados, conjuntamente com esses quadros, representação gráfica das palavras, pronúncias e algumas notas. A utilização dessa parte do dicionário pode ajudar no exercício da assimilação dos diferentes sons do espanhol em relação ao português, por isso seria interessante que o professor fizesse uma comparação básica entre os dois sistemas fonéticos a partir desses quadros e, posteriormente, utilizasse a internet para verificar e ouvir a pronúncia correspondente a cada som.

No meio da obra, isto é, entre o dicionário espanhol-português e o dicionário português-espanhol, observamos algumas formas de correspondências: solicitar estágio; modelo de currículo; pedir trabalho; pedir detalhes de um curso de idiomas, etc. Todos estes exemplos de cartas e correspondências estão em língua portuguesa e em língua espanhola, e o trabalho com eles pode ser muito produtivo ao ensino e aprendizagem, visto que são necessidades reais e uso

da língua estrangeira, ou seja, o professor poderá trabalhar com aspectos que fazem parte do cotidiano do aprendiz, como, por exemplo, a elaboração de um currículo.

Por fim, a obra apresenta conjugações verbais (em ambas as línguas), tabela de falsos cognatos, números ordinais e fracionários, medidas, símbolos, abreviaturas e etc., sendo todas essas informações disponibilizadas em língua portuguesa e em língua espanhola. Estes apêndices podem representar ao professor grande auxílio na elaboração de atividades/exercícios que colaborem para o uso deste material em sala, além de o ajudar na proposta de uma aula mais dinâmica.

Figura 6 – Reprodução da capa do dicionário *O diccionario de uso del español actual Clave*



O Diccionario de uso del español actual Clave, edição de 2006, é uma obra monolíngue e é fruto de um *corpus* atual, assim como afirma a lexicógrafa responsável Concepción Maldonado González na apresentação do dicionário, sendo palavras utilizadas nos meios de comunicação. Contêm 60.000 entradas, 50.000 estrangeirismos e neologismos de uso frequente. Cada entrada é sinalizada com informação morfológica, ortográfica, etimológica (que está em letra maiúscula) e de pronúncia. No caso dos verbos, são apresentados no infinitivo, porém pode-se recorrer aos apêndices finais ou *Modelos de conjugación*, nos quais há os modos e tempos verbais.

As informações etimológicas registradas a cada entrada podem ser objetos úteis para a elaboração de atividades, pois traz aspectos históricos e culturais interessantes para o ensino e aprendizagem de língua espanhola, uma vez que o professor pode utilizar e relacionar essas

informações etimológicas com temas culturais e históricos da língua espanhola, dos países que a falam ou de características hispânicas gerais.

Um aspecto positivo dessa obra lexicográfica é seu apêndice, pois podemos encontrar uma gama de possibilidades didáticas para o trabalho com o dicionário em sala, como regras de acentuação e pontuação, uso das letras maiúsculas, numerais, abreviaturas, os chamados *Diez errores más frecuentes en español* e as formas de tratamento. Todos esses conteúdos são expostos apenas em língua espanhola.

Sabemos, quer seja pela convivência em sala de aula, quer seja por meio de pesquisas científicas¹⁵, que os alunos preferem utilizar o dicionário bilíngue ao invés do monolíngue. Porém, como já discutido neste trabalho, acreditamos que com o avanço linguístico do aprendiz, esse material pode ser valorizado e aconselhado em sala, já que esse tipo de obra requer um maior desenvolvimento linguístico do consultante, o que afirma García (1999, p. 16):

[...] o dicionário monolíngue obriga o aluno a refletir sobre os contextos de uso da palavra, pois a consulta se faz muito mais lenta do que nos dicionários bilíngues e requiere certo treinamento de uso por parte do usuário.¹⁶

Ao consultar um dicionário monolíngue, estamos, segundo o autor, obrigados a observar cada uso e contexto da palavra e, com isso, refletir sobre cada situação e cada significado empregado, o que pode resultar em uma compreensão linguística mais reflexiva e didática – já que estamos em contato com a língua estrangeira tanto em sua microestrutura, quanto em sua macroestrutura.

Além disso, o uso desse tipo de material pode auxiliar professor e aluno no desempenho da compreensão leitora. Desse modo, utilizar o dicionário monolíngue pode ser interessante aos estudantes de nível mais avançado ou que tenham um maior desenvolvimento linguístico.

2.4 As contribuições do PNLD e do MEC

Organizamos, nesta subseção, um breve relato da criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), e também discorreremos sobre a parceria feita com o Ministério da

¹⁵ Araújo (2007, p. 92) comenta que a maioria dos aprendizes de língua estrangeira prefere utilizar o dicionário bilíngue.

¹⁶ [...] el diccionario monolingüe obliga al alumno a reflexionar sobre los contextos de uso de la palabra, por lo que la consulta se hace mucho más lenta que en el caso de los diccionarios bilingües y requiere un cierto entrenamiento en el uso por parte del usuario.

Educação e Cultura (MEC) que possibilitou a esse Programa grandes impactos educacionais e culturais.

Segundo Krieger (2006), o PNLD foi criado em 1985 pelo MEC com o objetivo não só de contribuir para a distribuição de materiais didáticos aos alunos matriculados nas escolas públicas, como é possível que pensemos, mas também para permitir a escolha e a aquisição desses materiais, de forma a garantir às escolas os materiais selecionados de forma gratuita. Os livros didáticos distribuídos (LD), chamados de manuais didáticos nessa época, objetivavam auxiliar o trabalho do professor, pois dividia os conteúdos em lições, o que facilitava a prática docente que era formada por classes muito cheias, baixos salários e, por conseguinte, extensa carga horária.

No ano de 1993, conforme se lê em Brasil (1994), o MEC passou a avaliar de forma sistemática os LD, pois já havia, nessa época, muitas denúncias contra esses materiais, seja por erros contínuos que prejudicavam a aprendizagem, seja por preconceitos presentes. Essa avaliação possibilitou a reunião de acadêmicos que auxiliaram o Programa, no sentido de estabelecer alguns critérios de avaliação e destino de cada livro segundo o componente curricular regido.

Em 2000, de acordo com Rangel (2011, p. 86), depois dessa preocupação com a qualidade dos materiais, surge também a preocupação com o uso de outros recursos destinados ao ensino: os dicionários. O Programa avaliou alguns minidicionários e os disponibilizou às escolas de Ensino Fundamental, que já recebiam os livros didáticos e paradidáticos, ou seja, o dicionário – ou, nesse caso, os minidicionários – passou a ocupar um lugar igual ou semelhante ao do livro didático.

Semelhantemente ao que ocorreu com os LDs, a relação entre os estudos de obras lexicográficas no ambiente acadêmico e a avaliação destas obras para destiná-las às escolas passou a intensificar-se no ano de 2003. Krieger (2006) relata que houve uma preocupação em pensar a Lexicografia direcionada à escola, ou seja, preocupar-se não só com as características dos tipos de dicionários que eram destinados, mas, também, com a utilização desse recurso no âmbito escolar.

Com todas essas reflexões feitas a partir da escola e do dicionário, surge o intitulado *PNLD – Dicionários* ou PNLD/2006. Esse novo documento traz consigo novos tópicos, além de características que, no momento de sua publicação, deveriam ser analisadas nos dicionários, visto que o objetivo também sofreu uma mudança, isto é, se antes o Programa tinha o intuito primeiro de disponibilizar as obras lexicográficas, como foi com os minidicionários, agora a

preocupação era com a utilização destas obras em sala de aula. Assim como nos apresenta Rangel (2011, p. 112),

[...] sua circulação [dos dicionários] entre a escola e a casa dos alunos pode ensejar “cobranças” didático-pedagógicas específicas, relativas a seu uso ou aproveitamento. Explicitamente ou não, professores e pais puderam, então, interrogar-se a respeito das eventuais contribuições que um dicionário pode trazer para o ensino-aprendizagem escolar.

Tais discussões incentivaram e outorgaram as novas propostas de avaliações encontradas no PNLD/2006 citadas a seguir:

- a. Definição de uma tipologia de dicionários para a escola;
- b. Adoção do princípio de adequação entre tipo de obra e nível de aprendizado do aluno;
- c. Criação de acervos lexicográficos para a sala de aula;
- d. Elaboração de manual do professor com orientações para conhecimento da estrutura das obras, bem como para um uso produtivo;
- e. Exigência de explicitação da proposta lexicográfica.

(KRIEGER, 2006, p. 237).

Nas mudanças promovidas por esse documento, observamos a existência da preocupação com a necessidade dos alunos no processo de ensino/aprendizagem, a reflexão sobre o contato dos alunos com os dicionários nas salas de aula e a necessidade de exposição da proposta de cada dicionário para que assim o professor, ao ler, possa escolher a que mais se encaixa na aprendizagem de sua sala de aula e no perfil dos seus alunos, por exemplo. Ademais, vemos a preocupação com a utilização desse material por meio da elaboração de manual – *Com direito à palavra: dicionário em sala de aula* – que auxilie na prática pedagógica (com os exercícios) e explicita a teoria do dicionário (com a parte teórica), visando uma formação inicial em Lexicografia. Ao selecionar, assim, um dicionário que atenda às necessidades dos alunos e que possa ser utilizado no dia-a-dia da sala de aula, tratamos especialmente de uma área que está se expandindo no Brasil: a Lexicografia Pedagógica ou Didática, como preferem alguns teóricos.

Todo esse percurso do PNLD desde sua criação até sua ampliação (a distribuição de dicionários), brevemente aqui relatado, se refere ao ensino/aprendizagem de língua portuguesa. Entretanto, o tema deste trabalho refere-se ao ensino/aprendizagem de língua espanhola, sendo que constatamos, dessa forma, que as contribuições do PNLD começaram em 2010, visto ser este o prazo final para a implantação da Lei 11.161/2005, que devolveu a essa língua seu lugar na grade curricular da Educação Básica brasileira. A citada lei estipula a obrigatoriedade da

oferta do ensino de espanhol no Ensino Médio e sua inclusão, de forma facultativa, no Ensino Fundamental. Com isso, a língua espanhola passou a ser contemplada também no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que, desde 2010, distribuiu manuais didáticos dessa língua às escolas estaduais de ensino e que, possivelmente, poderá proporcionar aos alunos de língua espanhola, assim como fez com os de língua portuguesa, obras lexicográficas.

2.5 O professor em formação reflexiva

Começamos nossa reflexão a partir da história do conceito de professor reflexivo:

O conceito de professor reflexivo emergiu inicialmente nos EUA como reacção à concepção tecnocrática de professor, mero aplicador de *packages* curriculares pré-enlatadas numa perspectiva descendente de racionalidade técnica que, no dizer de Nóvoa (1992), tem reduzido a profissão docente a um conjunto de competências técnicas sem sentido personalizado, impondo uma separação entre o eu pessoal e o eu profissional e criando nos professores uma crise de identidade. (ALARCÃO, 1996, p. 176).

Refere Alarcão que esse conceito (professor reflexivo) surge como tentativa de não-aceitação de um tecnicismo obsoleto que já não dava mais frutos e gerava uma crise de identidade nesses professores ditos “técnicos”. Essa crise de identidade é a reflexão desse modelo de abordagem, já que o professor é, apenas, o transmissor de um dado conhecimento científico: ele não o constrói com seus educandos, ele não exterioriza suas reflexões, suas experiências de vida ou seus estudos relacionados aos conhecimentos abordados em sala de aula, mas, como dito acima, apenas transmite um dado conhecimento. Com isso, ou com essa falta de relação/interação com o próximo (o educando), o professor – e, principalmente, o de línguas – perde a interação entre o conhecimento científico e a aquisição do aluno, ou seja, todo o processo de ensino/aprendizagem é esquecido, não é levado em conta, analisa-se apenas o produto final, assim, o aprendizado passa a ser produto e não processo, algo fechado, que não passa por uma reflexão.

Para a mesma autora supracitada, o conceito de reflexão

[...] implica uma perscrutação activa, voluntária, persistente e rigorosa daquilo em que se julga acreditar ou daquilo que habitualmente se pratica, evidencia os motivos que justificam as nossas ações ou convicções[...]. (ALARCÃO, 1996, p. 32).

Moura Filho (2011, p. 50) acrescenta a discussão, citando Kemmis (1986), que define o conceito de reflexão afirmando que

[...] reflexão não é apenas um processo psicológico individual. É uma ação orientada, introjetada historicamente, dotada de contornos sociais e políticos, compromissada em situar as pessoas nos contextos sociais que as envolvem, levá-las a serem partícipes das atividades sociais e a tomarem partidos diante de questões importantes. Além disso, o material sobre o qual a reflexão atua nos é dado social e historicamente. Por meio da reflexão e da ação que ela informa, podemos transformar as relações sociais que caracterizam os contextos nos quais estamos inseridos.

Assim, para ser profissional reflexivo, o professor – e tratamos aqui mais especificamente do professor de línguas – não deve apenas refletir sobre sua prática, mas também saber quem é, as razões pelas quais exerce tal profissão, qual é a sua relação com aquela língua, qual é o conceito que se tem de língua, qual é sua metodologia, o que os teóricos pensam sobre, o que ele, ao fazer essas leituras teóricas e observar sua prática, pensa sobre essa abordagem, quais recursos didáticos utiliza, qual é seu papel na sociedade, na vida desses alunos, entre outras reflexões que essa profissão nos coloca.

Notamos que há uma necessidade de formar um professor que reflita sobre sua prática, uma vez que, com ela, se desenvolve o pensamento sobre aquilo que está sendo estudado (o conteúdo de discussão das aulas), bem como a ação e o professor, perante estas evoluções, tem seu desenvolvimento profissional. Mas, e o professor em formação? Este pode ser um professor em formação reflexiva sem lecionar ou refletir sobre a prática, já que ainda não a tem? Certamente que sim, entretanto, esse futuro professor refletirá sobre o que constituirá sua prática docente, deverá conhecer teorias, discuti-las com seus companheiros, colocar em discussão experiências que teve enquanto educando que funcionaram, observar e produzir sentido, segundo leituras teóricas, de como alguns professores lecionam dada matéria. Dessa forma, nomeamos, nesta pesquisa, o graduando como “professor em formação reflexiva”, porque fizemos esse trabalho exclusivamente em conjunto com os graduandos que estão no processo formativo e gostaríamos que esse aspecto ficasse evidente no modo pelo qual os referimos aqui; entretanto há de se dizer que existem alguns teóricos, como por exemplo Vieira-Abrahão (2000/2001), que os nomeia como professores reflexivos, podendo referir-se com esse termo aos profissionais que já atuam ou que ainda estão no processo de formação.

Em vista disso, nos deparamos com outra discussão que se relaciona com papel desse futuro professor reflexivo, assim como o do professor já formado, isto é, o de ser crítico perante

a prática docente. Não obstante, nos indagamos sobre o conceito de profissional crítico e constatamos que, segundo Freire (2001, p. 42-43), ser um docente com essa característica

[...] envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. [...] O que se precisa é possibilitar, que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica. [...] A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer.

O professor em formação reflexiva e, assim, crítico, observa e resgata o dito “fazer”, por meio da apreciação das práticas de outros professores ou do resgate das suas experiências quando era aluno, diferentemente do professor reflexivo formado que agirá nesse “fazer”, ou melhor, em suas aulas. Porém, ambos pensarão sobre o fazer que nos dois casos serão sempre fazeres futuros, portanto, este movimento é sempre dinâmico e nunca se esgota.

Dessa forma, observamos que o professor reflexivo, em formação ou já graduado, deverá sempre observar suas aulas e ser crítico, observando principalmente, segundo Freire (2001, p. 45), o elo entre a teoria e a prática. Acrescentamos também a importância de se refletir e, possivelmente em um ambiente de trabalho colaborativo, se discutir sobre o que integra a sala de aula, como o ambiente da aula está disposto e, já que este é o tema deste trabalho, a utilização que está sendo feita dos materiais didáticos disponíveis em sala, pois, ao discutir sobre esses tópicos com os outros professores, pode-se construir, em conjunto, uma prática reflexiva escolar, o que poderá aludir a uma melhoria da qualidade de ensino e aprendizagem em dado espaço.

2.6 A extensão como possibilidade de formação reflexiva crítica

A constituição de 5 de outubro de 1988 e a transição da política ditatorial à política democrática auxiliou, consideravelmente, nas mudanças das universidades federais e estaduais no âmbito social e institucional, isto é, os centros formadores do Estado adquiriram, por meio desse processo, a aproximação da sociedade externa e, ademais, ganharam autonomia constitucional que permite a cada universidade administrar com autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial. Posto isso, cada centro é responsável pela elaboração de regimentos internos validados naquele espaço, bem como pela estruturação e regulamentação dos seus próprios planos de extensão universitária.

Em novembro de 2000, publica-se o *Plano Nacional de Extensão Universitária*, no qual se explicita o conceito de extensão: “[...] o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade.” (BRASIL, 2000/01, p. 17). Também se como apresenta as nomeadas Diretrizes para a Extensão Universitária, sendo elas:

- Impacto e transformação;
 - Interação dialógica;
 - Interdisciplinaridade;
 - Indissociabilidade ensino – pesquisa – extensão.
- (BRASIL, 2000/01, p. 18)

O tópico que mais nos interessa, neste trabalho, é o último (indissociabilidade entre o ensino-pesquisa-extensão), visto que está intimamente relacionado ao *processo de formação* da comunidade acadêmica, como podemos constatar a partir trecho a seguir:

Indissociabilidade ensino – pesquisa – extensão: reafirmando a extensão como processo acadêmico – justificando-lhe o adjetivo “universitária” –, **em que toda ação de extensão deverá estar vinculada ao processo de formação de pessoas e de geração de conhecimento, tendo o aluno como protagonista de sua formação técnica para obtenção de competências necessárias à atuação profissional, e de sua formação cidadã** – reconhecer-se agente da garantia de direitos e deveres, assumindo uma visão transformadora e um compromisso. Na aplicação dessa diretriz abre-se um capítulo especial, o da participação da Extensão Universitária na flexibilização da **formação discente**, contribuindo para a implementação das diretrizes curriculares nacionais, com reconhecimento de ações de extensão no processo curricular, com atribuição de créditos acadêmicos (ver seção Ações de Extensão e Flexibilização Curricular, neste livro). (BRASIL, 2000/01, p. 19, grifo nosso).

Assim, com todo esse processo da elaboração de um projeto de extensão universitária, abre-se mais um espaço de discussão sobre a formação acadêmica, o qual deverá ser regimentado por cada universidade, ou seja, cada uma elaborará suas normas para que os projetos/cursos de extensão sejam compatíveis com os aspectos expostos no *Plano Nacional de Extensão Universitária*.

A partir disso, a Universidade Paulista “Júlio de Mesquita filho” define, segundo a resolução n.53 de 03 de novembro de 2004 do regimento interno, os princípios e atividades da extensão universitária na UNESP, a saber: (i) Educação continuada: (cursos de extensão, difusão cultural, atualização e temáticos de curta duração); (ii) Eventos técnico-científicos; (iii) Eventos artístico-culturais; (iv) Prestação de serviço à comunidade e (v) Publicação e Produtos

Acadêmicos. Ademais, na resolução de n. 59 de julho de 2014, a UNESP regulamenta os cursos de extensão universitária ministrados nesta universidade e caracteriza cada atividade com seus princípios e objetivos a serem cumpridos.

Os cursos com a temática *Difusão de Conhecimento*, como é o caso do curso de extensão ofertado por esta pesquisa à comunidade universitária, tem, segundo a resolução de n. 59 (grifo nosso), “como objetivo proporcionar a *formação continuada* do participante em relação ao *conhecimento em uma determinada área* ou sobre um assunto em um período de tempo recente.”. O próprio nome da temática nos faz refletir sobre os objetivos que norteiam os cursos que nela se inserem, isto é, se promove o conhecimento de variadas áreas do saber, conjuntamente, ao processo formativo universitário, o que poderá desenvolver a formação discente e, também, o conhecimento científico da comunidade universitária.

Por fim, a extensão é um meio no qual é possível adquirir conhecimento teórico-científico ao mesmo tempo em que se desenvolve humanamente, ademais, como postula Menezes (2010, p. 14)

A extensão é um processo de aprendizagem vivencial, reflexivo e dialógico, de formação humana, social e profissional. Ao perceber a extensão como produtora de um conhecimento vivencial, também se assume a tarefa de produção de consciência e conhecimento que gere transformação.

Percebemos que a formação reflexiva e geradora de transformação, no nosso caso, educacional, se relaciona com os princípios norteadores do projeto de extensão universitária vigente em nossos centros de formação estaduais, o que, possivelmente, torna o desenvolvimento humano, científico e profissional dos graduandos ainda mais reflexivo-crítico.

2.6.1 O curso de extensão “Introdução à Lexicografia Pedagógica: Teoria e Prática”

O curso de extensão intitulado “Introdução à Lexicografia Pedagógica: Teoria e Prática” foi ofertado aos graduandos/futuros professores do 2º, 3º e 4º anos de uma universidade pública do interior do estado de São Paulo. As aulas, de duas horas cada, ocorreram durante 13 semanas, totalizando 26 horas presencias e 4 horas destinadas ao estudo à distância. O objetivo principal do curso foi o de fornecer aos inscritos formação inicial de alguns princípios básicos da teoria da Lexicografia Pedagógica. Para isso, foi necessário discutir sobre o uso de dicionários em sala de aula, refletir e resgatar as experiências que tiveram, enquanto alunos de línguas, com

esse material e, por fim, elaborar atividades que utilizam o dicionário nas aulas de E/LE, bem como testá-las e discuti-las com os outros integrantes do curso.

Nessa modalidade do curso, conseguimos cumprir, significativamente, os objetivos propostos, já que um curso de extensão nos disponibiliza tempo considerável para que sejam feitas discussões teóricas e propostas práticas a partir do que foi dito nas análises em grupo. Posto isso, nosso trabalho consistiu, em um primeiro momento, ler e discutir em sala de aula textos teórico-científicos sobre Lexicografia Pedagógica. Foram apresentados aos cursistas alguns conceitos básicos de LP, entretanto, ressalta-se que nos dispusemos mais a tratar de textos que discutiam sobre o uso do dicionário em sala de aula.

A aula intitulada *Minhas experiências, enquanto aluno, no que diz respeito ao uso de dicionário em línguas estrangeiras* resgatou nos alunos a prática docente que eles já vivenciaram como discentes. Após as discussões teóricas que havíamos feito anteriormente, conseguimos debater sobre o que diz os textos e, conjuntamente, o que evidenciamos nas práticas já vivenciadas. Dessa forma, reviver esses momentos nos permitiu, ainda mais, questionar sobre o uso do dicionário em sala de aula e refletir sobre algumas estratégias didáticas que poderiam efetivar essa utilização.

As aulas destinadas ao teste e discussão de atividades que colaboraram para o uso da obra lexicográfica em sala foram um convite para que os graduandos/futuros professores pudessem observar e debater sobre os objetivos, a metodologia e o nível de aprendizagem que está destinada. A partir disso, ideias de atividades foram surgindo e se transformando em discussões que relacionamos com o objetivo do curso, isto é, a formação em Lexicografia Pedagógica. Os graduandos fizeram colocações que evidenciaram a falta de momento de discussão sobre a prática, os problemas que circundam a sala, algumas dificuldades no que diz respeito desde o uso de materiais até aspectos relacionados ao espaço da escola.

O último tópico a ser explanado sobre o curso de extensão é a elaboração de atividades pelos graduandos/futuros professores e a aplicação com a sala do curso. Na última aula, os participantes apresentaram e discutiram sobre os exercícios organizados por eles. Nessa fase do curso foi interessante perceber que, após todo percurso do curso descrito aqui, os graduandos/futuros professores, como dito por eles, conseguiram avistar em suas futuras práticas a inclusão efetiva e satisfatória do uso do dicionário em suas aulas de forma mais criativa, por meio das atividades elaboradas e analisadas.

Com o tempo disposto e a organização dos objetivos e dos suportes teóricos e práticos do curso, alcançamos o nosso objetivo principal, isto é, a formação inicial dos participantes em Lexicografia Pedagógica. Também atingimos, de forma satisfatória, os nossos objetivos

secundários: (i) discutir sobre o uso do dicionário em sala, (ii) refletir sobre as futuras práticas no tocante à utilização desse material e (iii) elaborar atividades que auxiliem o professor na inclusão da obra lexicográfica.

2.6.2 O minicurso “Estratégias didáticas para o ensino de espanhol: usando o dicionário na sala de aula”

O minicurso “Estratégias didáticas para o ensino de espanhol: usando o dicionário na sala de aula” foi ofertado aos graduandos que participavam do *VIII Colóquio de Estudos Hispânicos: Língua, Cultura e Literatura* realizado na Faculdade Ciências e Letras de Araraquara, com duração de dois dias, totalizando oito horas de estudo. O objetivo principal desse curso foi (i) apresentar e discutir com os graduandos/futuros professores sobre algumas atividades que incluem o uso do dicionário em sala. No tocante aos outros, os objetivos secundários, foram (ii) apresentar rapidamente algumas discussões teóricas sobre a utilidade desse material no ensino de línguas e (iii) debater sobre a ausência da disciplina Lexicografia nos currículos dos centros formadores de professores de línguas.

No primeiro dia dessa modalidade, apresentamos algumas concepções teóricas sobre a inclusão da obra lexicográfica no ensino e discutimos de forma rápida e sucinta alguns conceitos que fazem parte da estrutura do dicionário. A partir dessa apresentação, os graduandos/futuros professores puderam expor suas dúvidas ou opiniões sobre o assunto em questão, o que foi produtivo para a elaboração da segunda parte do curso, pois alguns indagaram sobre a dificuldade da transposição dessa parte teórica à prática.

A partir disso, a segunda parte do curso se ocupou do componente prático da discussão. Inicialmente, nesse momento, apresentamos atividades que colaboravam para o uso do material em sala. Então, aplicamos uma atividade que não havia sido apresentada a eles, no intuito de que pudessem vivenciá-la como discentes. Ao final do teste, discutimos sobre o exercício proposto e sobre a experiência que eles tiveram, enquanto alunos, com uma atividade que recorre ao uso do dicionário.

Ressaltamos que essa modalidade nos serviu como reflexão sobre o processo formativo do futuro professor, pois notamos que, ao término de ambos os cursos, a modalidade de extensão – na qual tivemos um maior tempo e que nos permitiu, por isso, discutir sobre algumas questões teóricas, bem como recuperar e analisar as atitudes perante o uso do dicionário que já vivenciamos e, principalmente, instigar os graduandos/futuros professores a elaborar atividades que lhes auxiliassem na inclusão deste material – mostrou-se mais interessante para os fins desta

pesquisa. Por isso, a nosso ver, esse processo formativo, mesmo que inicial como é o caso dos cursos em questão, requer um tempo substancial para que se possa explicar com maior clareza os conteúdos que serão trabalhados e observar/debater sobre o que os professores entendem sobre cada conteúdo e qual dificuldade que poderão encontrar em sala, para que, assim, a teoria não esteja desvinculada da prática docente, que os embates encontrados sejam refletidos e possivelmente solucionados.

Contudo, observamos que as duas modalidades nos auxiliaram a discutir diferentes aspectos relacionados nesta pesquisa, seja por meio das questões analisadas nos questionários, que foram aplicados nos dois grupos, seja por meio das colocações por parte dos graduandos/futuros professores nos debates gerados em ambas as modalidades que nos instigaram a colocá-las na análise desenvolvida nesta dissertação.

2.6.3 Os dicionários utilizados nos cursos ofertados

Apresentamos aqui as obras lexicográficas utilizadas pelos graduandos/futuros professores em ambos os cursos. Não é o objetivo deste apartado descrever/analisar dicionários de maneira sistemática, por isso apenas apresentamos os dicionários e os descrevemos sucintamente, para que se tenha um panorama geral do que foram esses espaços, ou seja, anteriormente descrevemos e refletimos sobre os contextos de pesquisa e, nesse momento, apresentamos quais materiais utilizamos no decorrer dessa trajetória.

Ressaltamos que os dois dicionários utilizados nas aulas foram escolhidos pelos participantes, visto que essas são as obras que os acompanham desde o início da Graduação. Por isso, ao iniciarmos os cursos, dizíamos que eles poderiam utilizar qualquer tipo de dicionário (monolíngue, bilíngue, sinônimos, antônimos, etc.) e, como já utilizavam estes, optaram por continuar com as obras que serão expostas a seguir (figuras 7 e 8):

Figura 7 – Reprodução da capa do dicionário *SEÑAS: Diccionario para la Enseñanza de la Lengua Española para Brasileños*



O dicionário *Señas* é, segundo Moreira (2009, p. 74), a primeira obra monolíngue espanhola destinada ao ensino de espanhol para estudantes brasileiros. Na introdução da obra, constatamos que foi composta a partir da base de dados utilizada no *Diccionario para la Enseñanza de la Lengua Española*, elaborado pela Universidad de Alcalá de Henares.

Essa obra possui 20.000 entradas e 1.384 páginas. No início do dicionário, constatamos a presença do índice geral da obra, apresentação da edição brasileira (em português) e apresentação da edição espanhola (em espanhol), nessas partes, tratam-se de elucidar algumas das características presentes no dicionário, como a seleção e a ordenação das entradas, por exemplo, além de um modelo de como a transcrição fonética é fornecida ao leitor, esclarecimento sobre as classes de palavras e, ainda, a forma recorrente de como ocorre o registro de uso e sentido nos verbetes.

O dicionário possui algumas ilustrações em sua microestrutura, com a finalidade de auxiliar na compreensão de alguns verbetes. Outro ponto a ser ressaltado é a presença, nas páginas iniciais, das instruções de uso, além de possuir o chamado *Guia para consultar este dicionário*, no qual notamos que auxilia didaticamente na compreensão da estrutura da obra, bem como na organização dos verbetes.

Em relação ainda ao tipo de dicionário, alguns autores, como Moreira (2009), asseguram que essa é uma obra monolíngue; entretanto, segundo Humblé (2008), são considerados híbridos os dicionários que “[...]oferecem uma definição na língua alvo, seguida por uma tradução”, o que pode ser constatado nos verbetes presentes em *Señas*. Dessa forma, com uma

obra com tais características desenvolvidas em conjunto, os alunos e professores podem desfrutar da rapidez de informação ofertada por meio do equivalente (bilíngue) e, por outro lado, a reflexão linguística dada pela definição, além do desenvolvimento da compreensão leitora (monolíngue).

Figura 8 – Reprodução da capa do *Diccionario Esencial*



O *Diccionario Esencial Español-Portugués/Portugués-Español* foi publicado em 2006 em Madrid. No início do dicionário, temos algumas considerações feitas pelos lexicógrafos responsáveis, Francisco Moreno e Neide Maia González, sobre algumas características da obra. Para eles, trata-se de um material bilíngue, fácil de ser manejado e que pode ser considerado muito útil aos estudantes brasileiros de espanhol como língua estrangeira e aos estudantes espanhóis que estudam português como LE.

A quantidade de entradas não é mencionada e também não caracteriza os consulentes por nível de aprendizagem, ou seja, não nos informa se é um dicionário para principiantes ou consulentes que já tenham um domínio avançado da Língua Estrangeira.

A obra contém tabelas com a conjugação de alguns verbos auxiliares, regulares, irregulares nas duas línguas, além de trazer um guia de uso em língua espanhola para a parte espanhol-português e em língua portuguesa para a divisão destinada ao dicionário português-espanhol.

Os graduandos/futuros professores disseram, ao serem indagados sobre a escolha desse dicionário, que as obras bilíngues os auxiliam com maior rapidez, já que com o equivalente em sua LM é “fácil” entender a palavra que causou dúvida.

Logramos, com a utilização desses dois materiais supracitados, fazer uso de um dicionário bilíngue (*Diccionario Esencial Español-Português/Português-Espanhol*), e de um monolíngue ou híbrido (*Señas Diccionario para la Enseñanza de la Lengua Española para Brasileños*), utilizando-os nas explicações dos conceitos teóricos e, posteriormente, como auxílio para os participantes nas elaborações dos trabalhos apresentados.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Tempo virá em que uma pesquisa diligente e contínua esclarecerá aspectos que agora permanecem escondidos... Tempo virá em que os nossos descendentes ficarão admirados de que não soubéssemos particularidades tão óbvias a eles... Muitas descobertas estão reservadas para os que virão, quando a lembrança de nós estiver apagada. O nosso universo será um assunto sem importância, a menos que haja uma coisa a ser investigada a cada geração... A natureza não revela seus mistérios de uma só vez. (SÊNECA, Séc. I).

Nesta seção, discorreremos sobre a metodologia do trabalho desenvolvido, apresentamos os participantes desta investigação, informamos sobre os instrumentos de pesquisa utilizados na coleta dos dados e sobre os espaços desta coleta, isto é, o curso de extensão e o minicurso.

Segundo Nunan (1992, p. 28), tradicionalmente, as pesquisas são classificadas segundo dois paradigmas gerais: quantitativo e qualitativo. Esta investigação constitui-se de um **caráter qualitativo** fortemente marcado; ademais, é de base interpretativista, ou seja, para Moita Lopes (1994) pesquisas dessa natureza objetivam investigar os processos que subjazem à produção e à compreensão linguística. Segundo o autor, há dois tipos de pesquisa interpretativista: a etnográfica e a introspectiva. A etnográfica tem sua origem na sociologia e na antropologia e tem como principal objetivo o contexto social dos participantes, ou seja, não considera somente a observação do pesquisador externo, mas leva em conta a visão dos participantes. No caso da pesquisa interpretativista etnográfica, não se pode ignorar a visão dos participantes para investigar o mundo social, pois a linguagem é, ao mesmo tempo, determinante do fator social e o meio de se ter acesso a sua compreensão, através da consideração das interpretações dos participantes do contexto social sob investigação e das interpretações dos pesquisadores. Dessa forma, observa-se a maior presença e relação entre a observação do pesquisador e as considerações dos participantes.

O anseio de investigar sobre o professor em formação com ênfase no uso do dicionário em sala de aula e a reflexão que pode ser feita na disciplina de Lexicografia/Lxicologia norteiam esta pesquisa, na qual pretendemos refletir sobre a formação do futuro professor, repensar o uso do dicionário em sala de aula e propor o exercício de reflexão/ação, para que o graduando possa pensar sobre sua futura prática docente e articulá-la com um material que poderá fazer parte desse ambiente.

Assim, o *corpus* de descrição e análise de nossa pesquisa constitui-se por dois questionários aplicados aos alunos dos 2º, 3º e 4º anos do curso de licenciatura em Letras com habilitação em Português/Espanhol de uma universidade pública do interior do estado de São

Paulo. Estes dados foram coletados em dois cursos ofertados pela pesquisadora, sendo um no contexto de pesquisa de extensão e outro de minicurso, ambos realizados no segundo semestre do ano de 2013.

3.1 Os cursos

- O curso de extensão, intitulado *Introdução à Lexicografia Pedagógica: Teoria e prática*, foi realizado por meio de encontros semanais às segundas-feiras das 17h às 19h, contabilizando uma carga horária de 30 horas. Nele, refletimos sobre os dois questionários (inicial e final) aplicados, analisamos as discussões que foram colocadas no curso por meio do relatório das aulas e, por fim, analisamos as atividades que foram produzidas pelos futuros professores a partir de toda a reflexão feita.
- O minicurso, intitulado *Estratégias didáticas para o ensino de espanhol: usando o dicionário na sala de aula*, foi realizado durante o *VIII Colóquio de Estudos Hispânicos: Língua, Cultura e Literatura*, contabilizando dois encontros com oito horas de estudos. Refletimos sobre os dois questionários (inicial e final) e analisamos a atividade que foi utilizada como exemplo para o uso do dicionário.

3.2 Participantes da pesquisa

Os participantes desta pesquisa, em ambos contextos de pesquisa, foram alunos do 2º, 3º e 4º anos do curso de Letras com habilitação em Português/Espanhol de uma universidade pública do estado de São Paulo.

A opção por estes alunos se justifica, em primeiro lugar, pelo fato de já estarem há algum tempo em contato com a universidade e também por já estarem, ainda que pouco, refletindo sobre suas futuras práticas docentes nas disciplinas pedagógicas que se iniciam, na maioria das vezes, no segundo ano do curso.

O número de participantes variou conforme o contexto de pesquisa, isto é, o curso de extensão obteve, a princípio, 7 participantes, mas encerrou-se com 4 graduandos. No caso do minicurso, tínhamos 10 participantes no primeiro dia e chegamos ao fim com 6.

3.3 Coleta de dados

A coleta de dados da pesquisa também se deu em duas datas distintas, já que em um contexto os dados foram coletados no período do curso de extensão, de 09/09/2013 a 02/12/2013, e, em outro, as datas para coleta de dados foram os dias 11/09/2013 e 12/09/2013, isto é, no decorrer do minicurso realizado no *VIII Colóquio de Estudos Hispânicos: língua, cultura e literatura*. Como dito antes, no curso de extensão mantivemos encontros semanais (às segundas-feiras) com duração de duas horas cada encontro, enquanto no minicurso nos encontramos dois dias consecutivos com duas horas cada, totalizando, assim, 8 horas.

No primeiro encontro de ambos contextos da pesquisa, discutimos sobre a questão do uso do dicionário em sala de aula, ou seja, tentamos refletir, juntamente com os alunos, se eles acreditavam que o dicionário tinha características que auxiliassem o professor no trabalho com as palavras e se eles, ao refletirem sobre isso e imaginando suas futuras práticas, utilizariam o dicionário e conseguiriam fazer um uso diferente, talvez até mesmo mais instigante, do dicionário em sala de aula. Essa primeira conversa os incentivou a pensar sobre esse material e a sala de aula, o que nos norteou a seguir com as discussões durante as duas modalidades da coleta de dados.

3.4 Os instrumentos da coleta de registros

Utilizamos uma quantidade considerável de instrumentos de pesquisa para que pudéssemos discutir sobre o uso do dicionário em sala de aula com maior precisão e confiança.

Assim, na coleta de registros foram utilizados os seguintes instrumentos:

- Questionário inicial (APÊNDICE A)
- Questionário final (APÊNDICE B)
- Exemplo de nota de campo (APÊNDICE C)
- Exemplo de atividade elaborada por uma graduanda no curso de extensão (APÊNDICE D)

3.5 Questionário inicial

O questionário inicial foi aplicado nas duas modalidades da coleta de dados e foi, também, o primeiro instrumento a ser utilizado nesta pesquisa. Foi aplicado no primeiro encontro de cada modalidade de curso e foi respondido por sete pessoas no curso de extensão e por dez pessoas no minicurso. Utilizamos este instrumento com a finalidade de verificar o quanto estes futuros professores sabiam a respeito do dicionário e do seu uso em sala de aula.

Para tanto, foram elaboradas nove perguntas, sendo cinco do tipo binário fechado (questões 1, 2, 3, 6 e 9), duas perguntas fechadas com uma série de possíveis respostas (questões 4 e 5) e duas perguntas binárias e abertas (7 e 8). As perguntas de números 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 9 visavam investigar qual era o grau de conhecimento que os graduandos tinham do dicionário, isto é, se eles tinham conhecimento sobre sua elaboração, se eles definiam esse material como didático e qual era a relação deles, enquanto aprendizes, com o dicionário. Já as perguntas abertas de números 7 e 8 visavam propiciar aos futuros professores uma reflexão sobre o dicionário e a sala de aula, ou seja, verificar se eles tinham a pretensão de incluir em suas futuras práticas o dicionário e se viam, com todas as experiências que tiveram enquanto educandos, esse material como um componente estimulante nas aulas.

3.6 Curso de extensão/ minicurso

As duas modalidades de coleta desta pesquisa também são características a serem analisadas, uma vez que a duração e as reflexões mudam de uma para outra, o que poderá, também, modificar a análise dos dados. Por isso, fizemos uma separação e descrição dos resultados obtidos nos dois tipos de curso evidenciados nesta pesquisa, pois acreditamos, assim, que incrementamos nossa análise e discriminamos ambos espaços de discussão e de coleta de dados.

No que diz respeito ao tempo de duração, o curso de extensão obteve maior duração e, por conseguinte, mais leituras e maior reflexão. Já que contamos com 30 horas disponíveis, desfrutamos de uma quantidade razoável de leituras e tempo suficiente para elaborar/avaliar atividades que utilizavam o dicionário. Contudo, conseguimos cumprir o que era o nosso objetivo principal nessa reflexão: unir teoria e reflexão da futura prática docente. Além do tempo e das reflexões que as atividades e leituras trouxeram, recorreremos, nessa modalidade, a mais instrumentos de coleta de dados, pois acrescentamos os relatórios das aulas e as próprias

atividades elaboradas pelos graduandos, o que contribuiu para a análise dos resultados obtidos nesta investigação.

No caso do minicurso, devido ao curto período de duração, não tivemos muito tempo para reflexões, nem para as leituras e muito pouco para as atividades. Não logramos, nesse espaço, propor aos alunos a elaboração de atividades, apenas testamos algumas atividades que já foram comentadas em livros e artigos, ou seja, o nosso objetivo nesse minicurso era propiciar ao futuro professor um contato prévio com a Lexicografia Pedagógica e com o uso do dicionário em sala de aula. Não tínhamos a pretensão de uma formação inicial nessa modalidade, o que era objetivo próprio do curso de extensão, anteriormente comentado.

3.7 Questionário final

Nosso propósito com este instrumento – comentado por Nunan (1992, p. 45) como um dos instrumentos mais utilizados por pesquisadores por conta de refletir com precisão as informações mais úteis que o respondente emite – era verificar e constatar se, após a intervenção (nas duas modalidades aqui apresentadas), havíamos obtido algum resultado perante os nossos objetivos e nossas perguntas de pesquisa. O questionário foi respondido por seis pessoas no minicurso do Colóquio e por quatro pessoas no curso de extensão.

Este instrumento de coleta de dados obteve oito perguntas, sendo seis questões de tipo binário fechado (1, 2, 3, 4, 5 e 7) e duas questões de tipo binário abertas (6 e 8). Algumas perguntas fechadas nesse questionário são as mesmas utilizadas no questionário inicial, entretanto o que se pretendia com essa recorrência era observar se a intervenção havia modificado o modo de pensar do futuro professor. No caso das perguntas abertas, propusemos uma discussão sobre a formação em Ciências do Léxico, mais precisamente, sobre a necessidade dessa disciplina para a formação do futuro professor de línguas.

3.8 Análise das notas de campo

Esta ferramenta, a princípio, não seria utilizada na análise de dados. Entretanto, após analisarmos os questionários, as reflexões feitas nos cursos, as atividades produzidas pelos futuros professores e esse material, pudemos verificar que, se fizéssemos uma análise que contemplasse todo esse acervo de coleta, teríamos uma melhor explicação dos fatos, pois observamos que, muitas vezes, os alunos colocavam algumas ideias no papel (questionário) do que era dicionário ou de sua função na sala de aula, porém quando refletimos no curso sobre

essas questões, obtínhamos outras respostas/reflexões que não haviam sido exploradas neste instrumento, seja por questões pessoais, seja por uma tentativa de “agradar” a pesquisadora.

Assim, constava nessas notas de campo sobre as aulas as faltas do dia, as referências bibliográficas das leituras feitas, as reflexões feitas pela professora e pelos alunos e, ainda, as participações dos futuros professores nas discussões. Pretendíamos, com todas essas colocações, alcançar um *feedback* das aulas, porém conseguimos não só este objetivo, mas também logramos, com o uso deste material, uma reflexão maior do que poderíamos fazer utilizando apenas os questionários e a análise das atividades.

3.9 Atividades elaboradas no curso de extensão pelos futuros professores

As atividades analisadas nesta pesquisa foram coletadas apenas no curso de extensão intitulado *Introdução à Lexicografia Pedagógica: teoria e prática*, já que tínhamos uma maior disponibilidade de tempo com os graduandos, o que seria muito difícil de fazer no minicurso, onde apenas testamos uma atividade já elaborada por um pesquisador/professor.

Dessa forma, a proposta desta chamada *avaliação final do curso* era incentivar – após todas as discussões dos textos, reflexões em sala de aula e experiências enquanto alunos – os graduandos a elaborarem uma atividade que incluísse de forma eficaz o uso do dicionário em sala de aula. Quando utilizamos o adjetivo *eficaz*, estamos nos referindo a um uso que extrapole uma simples consulta, ou seja, essa atividade que inclui o dicionário deve conseguir instigar os alunos, cada vez mais, a estar em contato com esse mundo das palavras que nos propicia, não só uma resposta daquilo que nos causa dúvida, mas também um conhecimento linguístico que não possuíamos, mas passamos a ter e a observar, a partir desse contato com essa outra língua e com esse outro modo de ver mundo.

Os graduandos elaboraram e aplicaram no último dia de aula as atividades individuais com a sala. Após cada apresentação, comentamos sobre os objetivos, sobre a série que aquela atividade estava destinada e sobre a metodologia empregada. Todas as atividades foram entregues em forma de trabalho acadêmico e a professora/pesquisadora propôs uma estrutura para que todos os trabalhos obtivessem as mesmas características. Com isso, os futuros professores tiveram que expor a série a que se destinaria aquela atividade, o objetivo que se desejava alcançar com ela, a descrição (passo a passo) da metodologia utilizada, o tempo que deveria ser disponibilizado, os materiais que seriam usados e, por fim, as habilidades linguísticas que os futuros professores observaram que aquela determinada atividade desenvolvia.

4 ANÁLISE DE DADOS

Pondo de lado a mochila vazia, ele (o catador de pensamentos) se agacha, desembaraça e separa os pensamentos emaranhados e os guarda, em ordem alfabética, em grandes prateleiras [...] A arrumação exige toda a atenção do Sr. Rabuja, pois os pensamentos são quase transparentes e muito fáceis de serem confundidos. (FETH, 1996, p. 58).

Nesta seção, os dados coletados são analisados qualitativamente, entretanto alguns dados quantitativos e comparativos são recuperados com o intuito de reforçar alguns argumentos importantes para a discussão e a análise dos dados que são aqui expostos.

Para tanto, apresentamos os dados coletados por meio dos questionários (inicial e final) em ambas as modalidades (curso de extensão e minicurso). Depois, expomos alguns dados relevantes descritos pelas notas de campo, além de algumas atividades que foram elaboradas pelos alunos do curso de extensão que promovem o uso do dicionário em sala de aula.

Por fim, fizemos uma síntese da análise dos dados, isto é, discutimos sobre tudo o que foi coletado em todos os instrumentos utilizados no intuito de atribuir à análise maior confiança e legitimidade.

4.1 Apresentação dos dados do questionário inicial

O questionário inicial tem o propósito de observar quais são os conhecimentos prévios dos graduandos/futuros professores em relação ao dicionário, bem como constatar o que pensam sobre o seu uso na sala de aula.

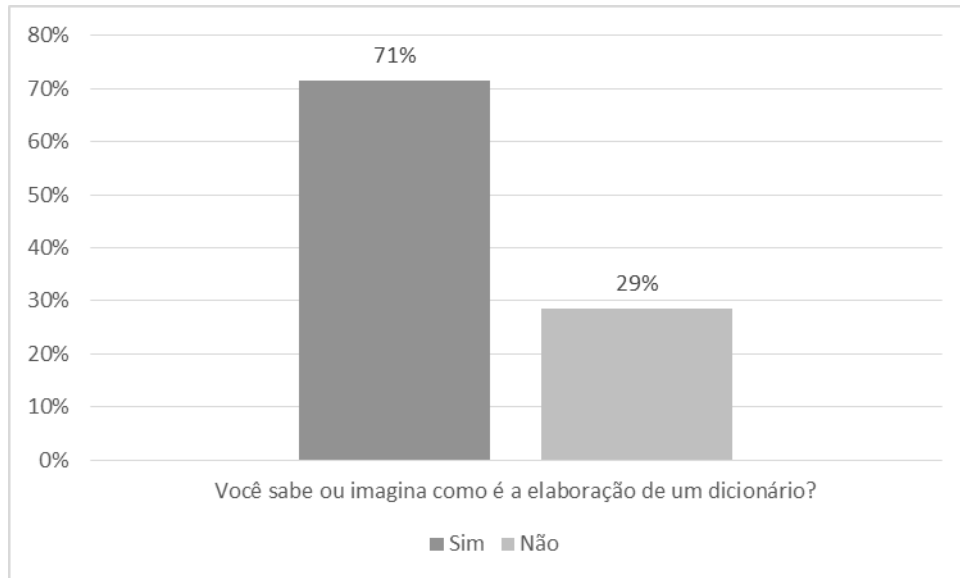
Para isso, o questionário é composto de 9 perguntas. As questões 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 9 são do tipo binário-fechado e as de números 7 e 8, de tipo binário-aberto. Apresentamos os dados do questionário inicial das modalidades curso de extensão e minicurso, respectivamente.

4.1.1 Dados coletados pelo questionário inicial no curso de extensão

Apresentamos aqui os dados coletados no curso da modalidade extensão.

- **Questão 1 (EXTi.): Você sabe ou imagina como é a elaboração de um dicionário?**

Gráfico 1 – Questão 1 (EXTi.): Sobre a elaboração de dicionários



Fonte: Dados da pesquisa.

O objetivo desta pergunta era observar se os futuros professores tinham algum conhecimento da elaboração e da estrutura de uma obra lexicográfica, ou seja, se conheciam os aspectos que estão intimamente relacionados a esses dois processos, pois acreditamos que, possivelmente, com esse contato, de alguma forma, os graduandos já teriam conhecimentos que os auxiliariam no trabalho com o dicionário em sala de aula. Dessa forma, 71% dos questionados responderam que sabiam ou imaginavam como se dá a elaboração de um dicionário e 29% disseram que a desconheciam.

- **Questão 2 (EXTi.): Acredita que seja relevante o uso do dicionário em sala de aula?¹⁷**

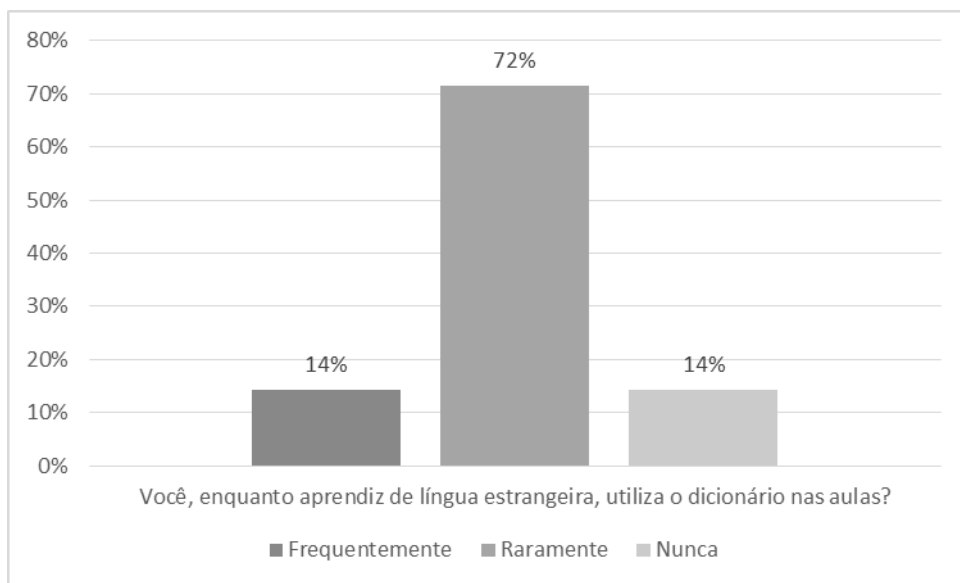
Todos os participantes da pesquisa responderam que acreditam que o uso do dicionário é relevante em sala.

¹⁷ Para as perguntas em que houve apenas uma resposta ou que eram subjetivas, não foram apresentados gráficos.

- **Questão 3 (EXTi.): Para você, o dicionário é um recurso didático?**

Questionados se o dicionário é um recurso didático, todos os participantes responderam que sim.

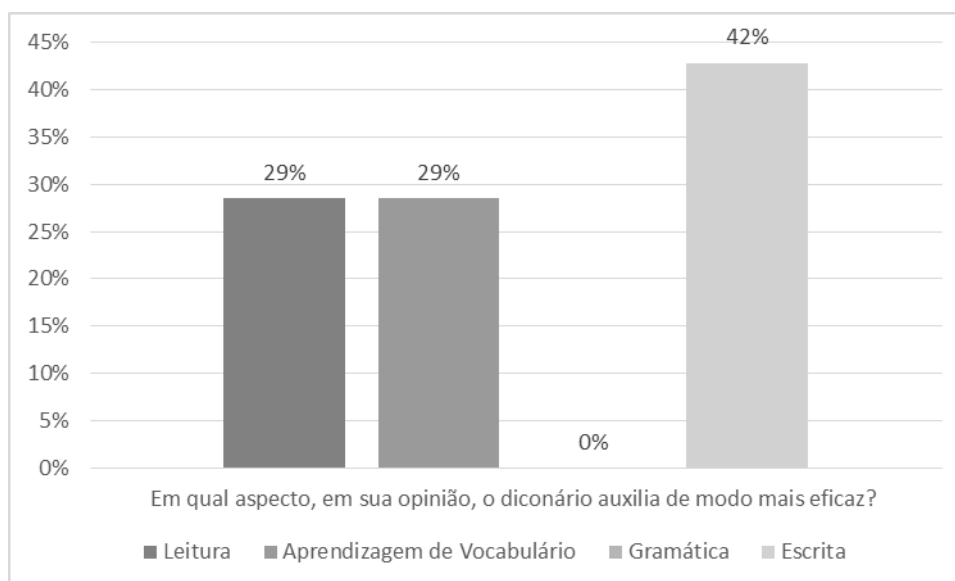
Gráfico 2 – Questão 4 (EXTi.): Frequência de uso do dicionário enquanto aprendiz de línguas



Fonte: Dados da pesquisa.

No que diz respeito à frequência de uso de dicionários, 14% dos graduandos participantes desta pesquisa disseram que frequentemente os utilizam, 72% afirmaram que raramente fazem uso e 14% responderam que nunca.

Gráfico 3 – Questão 5 (EXTi.): O dicionário e a aprendizagem de línguas



Fonte: Dados da pesquisa.

Nesta questão, 29% dos participantes responderam que o dicionário auxilia na leitura, outros 29% disseram que ajuda na aprendizagem de vocabulário, 42% afirmaram que o uso de dicionário contribui para a escrita e nenhum dos participantes alegou que o uso desse material facilita o ensino de gramática.

- **Questão 6 (EXTi.): Em suas futuras práticas docentes, o dicionário estará presente?**

Todos os participantes da pesquisa disseram que o dicionário estará presente em suas futuras práticas.

- **Questão 7 (EXTi.): Se sim, de que forma? Se não, por quê?**

A primeira pergunta do tipo binário-aberta do questionário inicial teve como objetivo constatar a forma de inclusão desse material nas aulas de línguas estrangeiras. Essa questão aparece logo após a questão de número 5, que os indagava sobre a presença do dicionário em suas futuras práticas. No curso de extensão, observamos que algumas pessoas já fizeram uso do dicionário em sala como professores, como explícito na fala de um graduando do curso que respondeu ao questionário inicial a seguir:

[...] Quando dava aula de inglês para crianças, eu os ensinava a usar o dicionário bilíngue em sala de aula e dava atividades para que eles procurassem algumas palavras. (PARTICIPANTE 1 DO CURSO DE EXTENSÃO).

Outros futuros professores disseram que o dicionário estará presente em suas futuras práticas para auxiliar na leitura e escrita de textos, visto que agrega mais conhecimento de vocabulário em língua estrangeira.

Porém, há uma resposta que se contrapõe com todas as afirmações anteriores, que nos instiga a refletir sobre a presença da discussão na formação do docente de línguas na área de Lexicografia/Lexicologia, a qual podemos constatar na colocação feita por um graduando que participou do curso de extensão:

Ainda não consigo enxergar uma maneira eficaz de utilizá-lo, mas pretendo descobrir e aprimorar maneiras para isto. Pois ainda não tenho conhecimento mais elaborado sobre suas melhores aplicações e, assim, não é possível explorá-lo. (PARTICIPANTE 2 DO CURSO DE EXTENSÃO).

Com essa fala, podemos refletir sobre a relevância da inclusão das disciplinas acima citadas na formação do docente de línguas, pois o dicionário é um recurso muito recorrente no ensino e deve ser discutido e refletido, assim como fazemos com os livros didáticos, pois, dessa forma, o professor em formação conhecerá mais sobre esse material e, possivelmente, o utilizará em suas futuras práticas de maneira mais elaborada, assim como denomina o aluno-futuro professor.

- **Questão 8 (EXTi.): Em sua opinião, o dicionário é um recurso estimulante em sala de aula? Por quê?**

A segunda questão binária de tipo aberto teve como objetivo verificar se, para os futuros professores que foram entrevistados, o dicionário era um recurso estimulante. A maioria dos entrevistados do curso de extensão disse que sim, trata-se de um recurso estimulante, porém,

[...] Depende de como ele é usado, pois há formas em que os alunos se chateiam. (PARTICIPANTE 3 DO CURSO DE EXTENSÃO).

Assim, muitos entendem que pode ser um recurso atrativo no ensino de línguas, entretanto dependerá do uso que o professor fará em sala de aula.

Outra parcela de participantes disse que pode ser um material muito utilizado no começo da aprendizagem, isto é, em um nível básico, como podemos constatar na resposta a seguir:

[...] No começo do aprendizado, sim, mas depois passa a ser um recurso maçante e pouco usado pelos alunos, infelizmente. (PARTICIPANTE 5 DO CURSO DE EXTENSÃO).

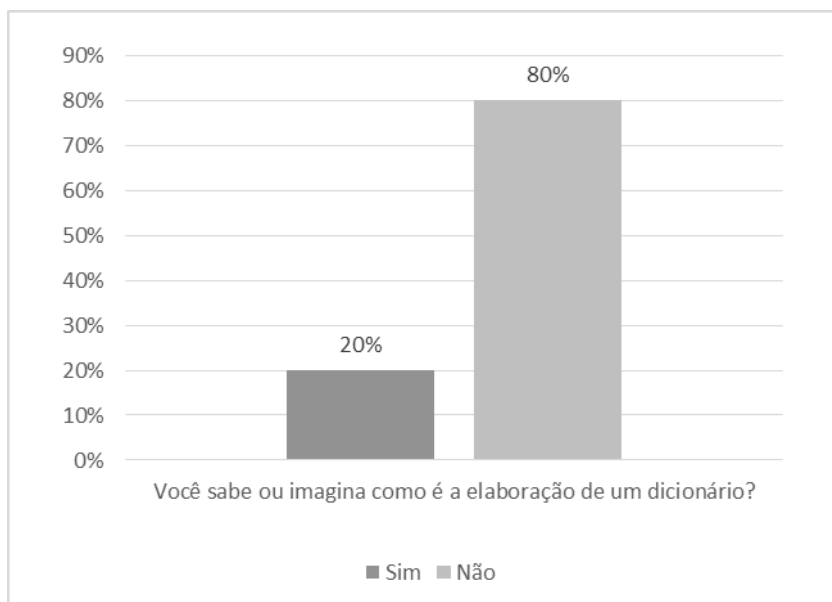
- **Questão 9 (EXTi): Gostaria de participar de um curso de formação inicial em Lexicografia Pedagógica?**

Todos os participantes disseram que gostariam de participar do curso introdutório de Lexicografia Pedagógica.

4.1.2 Dados coletados pelo questionário inicial no minicurso

Apresentamos aqui os dados coletados no questionário inicial na modalidade minicurso.

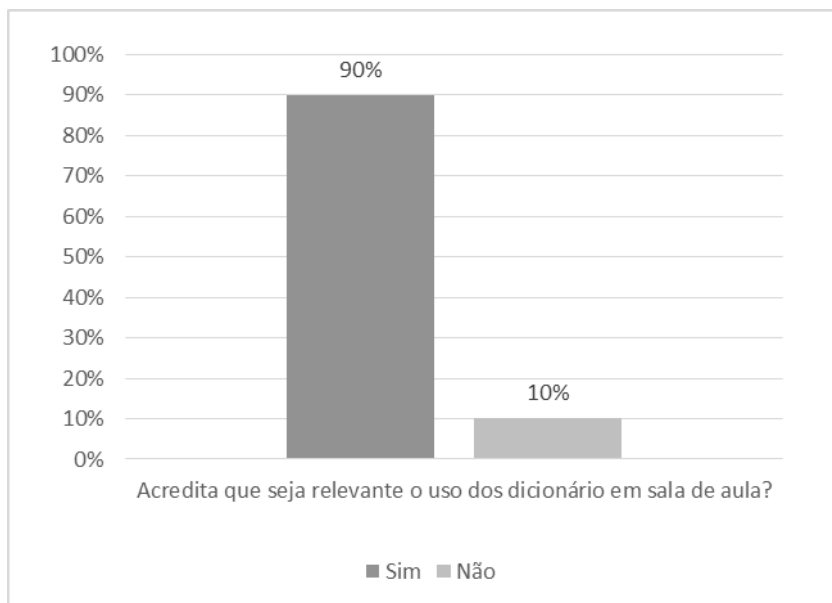
Gráfico 4 – Questão 1 (MCi): Sobre a elaboração de dicionários



Fonte: Dados da pesquisa.

Ao serem indagados sobre o conhecimento da elaboração de um dicionário, 20% dos participantes disseram saber ou imaginar os aspectos que envolvem a elaboração deste material, enquanto 80% alegaram não conhecer esse processo.

Gráfico 5 – Questão 2 (MCi): Relevância do uso do dicionário em sala



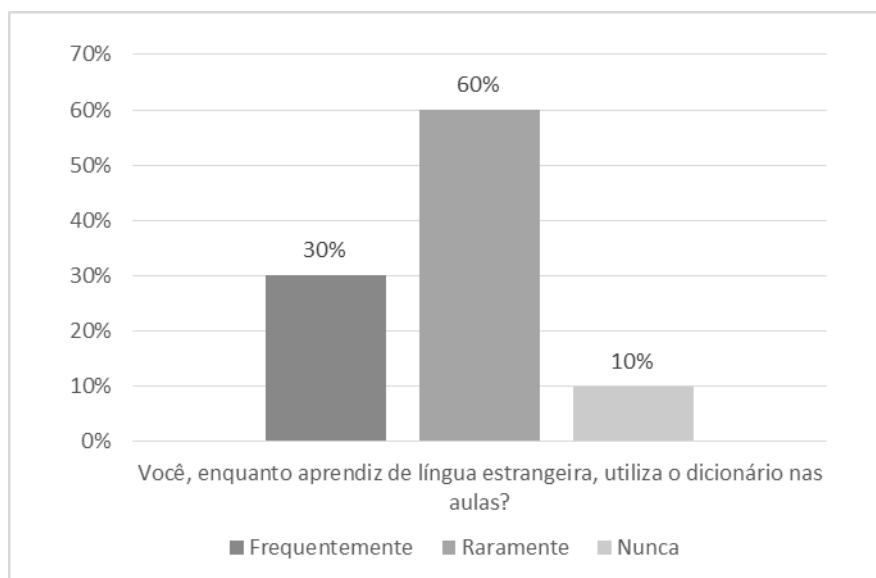
Fonte: Dados da pesquisa.

A maioria dos entrevistados (90%) afirmou que o uso do dicionário é relevante em sala de aula, entretanto 10% dos participantes disseram que não.

- **Questão 3 (MCi): Para você, o dicionário é um recurso didático?**

Todos os participantes alegaram que sim.

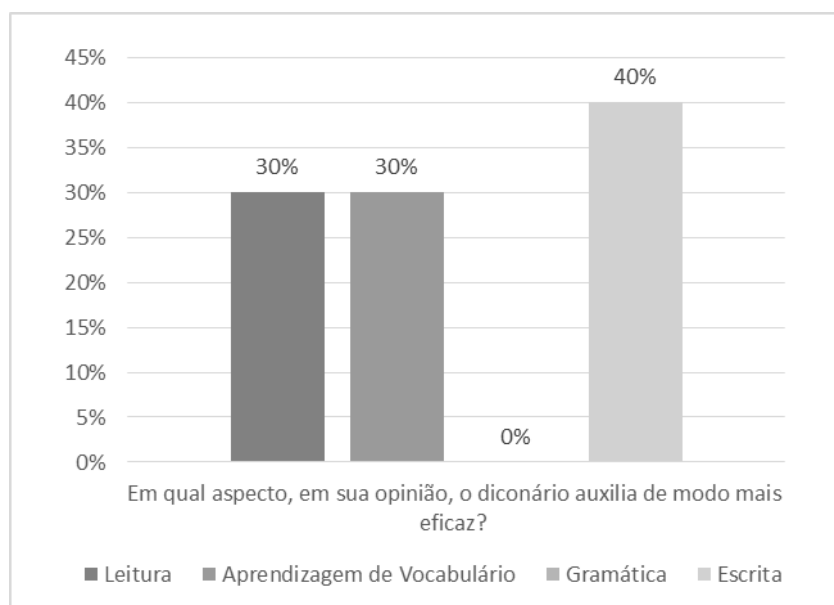
Gráfico 6 – Questão 4 (MCi): Frequência de uso do dicionário enquanto aprendiz de línguas



Fonte: Dados da pesquisa.

Grande parcela dos participantes (60%) disse que utiliza o dicionário nas aulas de línguas raramente, 30% disseram usar frequentemente e 10% alegam nunca fazer uso desse material em sala.

Gráfico 7 – Questão 5 (MCi): O dicionário e a aprendizagem de línguas



Fonte: Dados da pesquisa.

40% dos questionados disseram que o dicionário auxilia na escrita no ensino aprendizagem de línguas, 30% acreditam que o material ajuda professor e aluno na questão de aprendizagem de vocabulário, 30% disseram que a obra lexicográfica apoia na leitura, e nenhum dos participantes afirmou que o dicionário colabora para o ensino de gramática.

- **Questão 6 (MCi): Em suas futuras práticas docentes, o dicionário estará presente?**

Todos os participantes responderam que o dicionário estará presente nas futuras práticas docentes deles.

- **Questão 7 (MCi): Se sim, de que forma? Se não, por quê?**

No caso do minicurso, os graduandos responderam que o dicionário estará disponível para consulta em sala de aula, que eles próprios levarão o material para que não haja desculpas por parte dos alunos de todos os tipos (peso, tamanho) e, ainda, que o dicionário fará o papel de auxiliar o professor nas atividades de leitura e redação de textos. Ademais, alguns futuros

professores disseram que utilizarão o dicionário enquanto aprendizes, porque acreditam que a consulta auxilia na memorização das palavras e dos significados, o que podemos constatar pela resposta abaixo:

O dicionário será indispensável para as minhas futuras aulas de línguas, pois através dele poderei sanar dúvidas de escrita, ortografia, do significado das palavras e de aquisição de vocabulário. (PARTICIPANTE 5 DO MINICURSO).

- **Questão 8 (MCi): Em sua opinião, o dicionário é um recurso estimulante em sala de aula? Por quê?**

No minicurso, houve divergências: alguns participantes responderam que o dicionário é um recurso estimulante, entretanto alguns acreditam que os professores devem elaborar atividades que contribuam para que o uso seja atrativo, como podemos constatar no trecho a seguir:

Para mim o uso do dicionário pode ser estimulante, desde que não deixe a aula pesada ou atravancada, por isso creio que uma forma interessante de estímulo seria por meio de atividades lúdicas e dinâmicas. (PARTICIPANTE 1 DO MINICURSO).

Outros futuros professores afirmaram que o dicionário não é um recurso estimulante, pois, como constatado na fala de um dos participantes, a consulta ao dicionário

[...] às vezes é mecânica. E apesar de ser uma fonte rica, é pouco explorado em sala de aula. (PARTICIPANTE 7 DO MINICURSO).

4.2 Apresentação dos dados do questionário final

O questionário final, o qual tratamos e analisamos nesta parte da dissertação, foi aplicado ao final de cada modalidade do curso. Optamos por esse meio e essa trajetória, porque o objetivo deste instrumento, nesse momento, era observar e analisar se ocorreram mudanças na visão do futuro professor em relação aos estudos do léxico e do uso do dicionário em sala de aula. Assim, algumas perguntas novamente são utilizadas no intuito de verificar se, após o curso, o contato com as discussões sobre o uso deste material nas aulas e as atividades aplicadas e elaboradas, os graduandos haviam modificado ou mantido suas opiniões no que diz respeito à formação em Lexicografia Pedagógica e o uso do dicionário em classe.

Sendo assim, o questionário final é constituído por oito questões. As primeiras perguntas a serem analisadas são as do tipo binário-fechado, isto é, as questões 1, 2, 3, 4, 5 e 7; as segundas

são do tipo binário-aberto e correspondem às questões 6 e 8. Abaixo apresentamos os dados coletados em ambas as modalidades.

4.2.1 Dados coletados pelo questionário final no curso de extensão

- **Questão 1 (EXTf): Durante o curso, você adquiriu conhecimentos sobre a estrutura de dicionários?**

Os participantes afirmaram que sim, que adquiriram conhecimentos sobre a estrutura de dicionários.

- **Questão 2 (EXTf): Para você, a presença de dicionários em sala de aula é importante?**

Os participantes afirmaram que, para eles, a presença de dicionários em aula é importante.

- **Questão 3 (EXTf): O dicionário é um recurso didático?**

Todos os futuros professores responderam que sim.

- **Questão 4 (EXTf): O dicionário pode ser um recurso muito eficaz no ensino de vocabulário?**

Os graduandos/futuros professores afirmaram que o dicionário pode ser um recurso muito eficaz no ensino de vocabulário.

- **Questão 5 (EXTf): O dicionário integrará suas aulas de ensino de vocabulário de maneira mais motivadora e dinâmica?**

Todos os participantes da pesquisa disseram que sim.

- **Questão 6 (EXTf): Se sim, de que forma? Se não, por quê?**

Verificamos que todos os participantes disseram que utilizarão o dicionário em suas futuras práticas de forma lúdica e dinâmica, o que pode ser constatado a seguir pela resposta de um participante do curso:

[...] Sim, utilizarei o dicionário em minhas futuras aulas de forma mais dinâmica, já que durante o curso entramos em contato com várias atividades que recorrem ao uso do dicionário em sala de aula e também desenvolvemos algumas. Ficou evidente que o dicionário é uma ferramenta muito útil para o ensino de línguas e podemos usá-lo de maneira divertida e dinâmica. (PARTICIPANTE 4 DO CURSO DE EXTENSÃO).

Ademais, observamos que os alunos/futuros professores estão interessados no uso do dicionário aliado a atividades dinâmicas ou lúdicas, pois acreditam que, com isso, conseguirão interagir melhor com seus futuros alunos e a aula poderá ser mais motivadora tanto para o aluno quanto para o professor. O que se constata pelo trecho a seguir:

[...]Acredito que as brincadeiras lúdicas trazem o aluno para a aula de forma motivadora, por isso, acredito que usarei o dicionário como recurso didático junto a esse tipo de atividade. (PARTICIPANTE 2 DO CURSO DE EXTENSÃO).

- **Questão 7 (EXTf): O dicionário pode ser um recurso estimulante no ensino de vocabulário?**

Os participantes asseguraram que o dicionário pode ser um recurso estimulante no ensino de vocabulário.

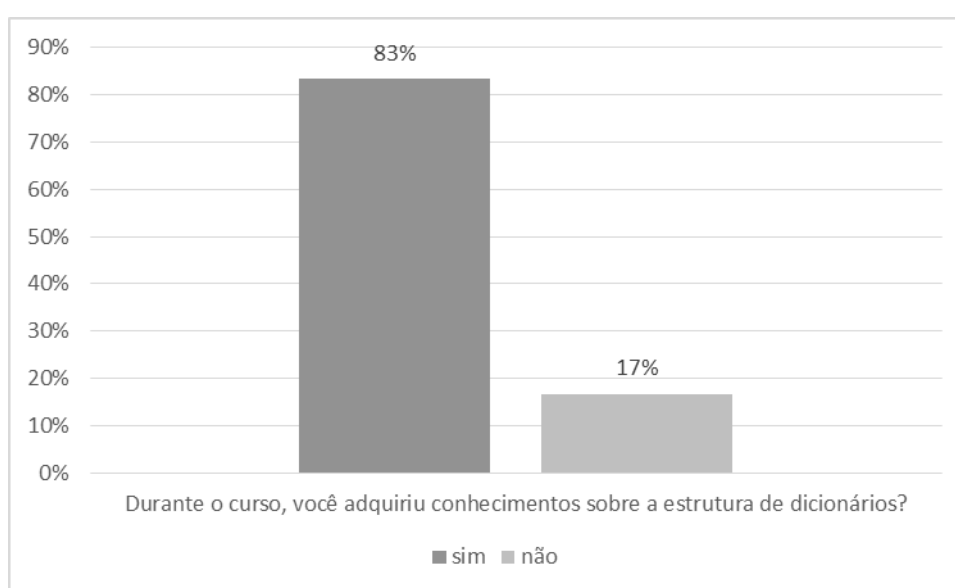
- **Questão 8 (EXTf): Na sua opinião, falta uma formação mais intensiva na área de Ciências do Léxico em sua Graduação? Para você, esse conhecimento é necessário para sua formação enquanto futuro docente? Discorra sobre esse aspecto.**

Os participantes, em totalidade, disseram que esse conhecimento é importante para a formação do professor de línguas. Além disso, afirmaram que o curso os auxiliou no trabalho e na elaboração de atividades que promovam o uso do material. Abaixo transcrevemos um trecho da resposta de um dos graduandos:

[...] Durante o curso entramos em contato com conhecimentos que agora julgo serem muito importantes para a formação docente. É fundamental que o professor conheça e saiba usar bem o dicionário para poder ensinar isso ao aluno e poder trabalhar com o dicionário na sala de aula. [...] Penso que quando tivermos no currículo de Letras uma disciplina na área de Lexicografia/Ciências do Léxico, teremos um conseqüente aumento do uso de dicionários em sala de aula de maneira mais dinâmica e produtiva, e não só para fins de consulta. (PARTICIPANTE 4 DO CURSO DE EXTENSÃO).

4.2.2 Dados coletados pelo questionário final no minicurso

Gráfico 8 – Questão 1 (MCf): Durante o curso, você adquiriu conhecimentos sobre a estrutura de dicionários? (minicurso)



Fonte: Dados da pesquisa.

A maioria dos graduandos/futuros professores (83%) disse que adquiriu conhecimentos sobre a estrutura de dicionários e, por outro lado, 17% disse que não.

- **Questão 2 (MCf): Para você, a presença de dicionários em sala de aula é importante?**

Todos os participantes responderam que sim.

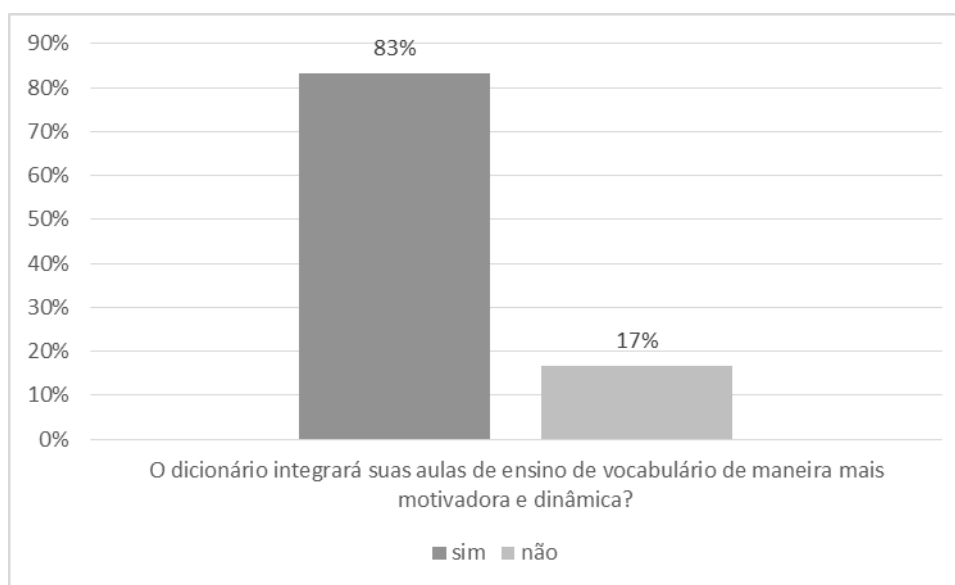
- **Questão 3 (MCf): O dicionário é um recurso didático?**

Os graduandos/futuros professores participantes da pesquisa disseram que o dicionário é um recurso didático.

- **Questão 4 (MCf): O dicionário pode ser um recurso muito eficaz no ensino de vocabulário?**

Todos os participantes da pesquisa afirmaram que o dicionário pode ser um recurso muito eficaz no ensino de vocabulário.

Gráfico 9 – Questão 5 (MCf): O dicionário integrará suas aulas de ensino de vocabulário de maneira mais motivadora e dinâmica? (minicurso)



Fonte: Dados da pesquisa.

83% dos participantes afirmaram que o dicionário integrará as futuras aulas de ensino de vocabulário de maneira mais motivadora e dinâmica e 17% disseram que não.

- **Questão 6 (MCf): Se sim, de que forma? Se não, por quê?**

Os participantes afirmaram que o uso do dicionário integrará suas futuras práticas docentes, entretanto o que fica evidente nas respostas é que os futuros professores dessa modalidade não tiveram tempo o suficiente de ler e refletir sobre a estrutura do dicionário e, assim, surgiram embates que são naturais quando não estamos familiarizados com esse tipo de recurso, como por exemplo o exposto a seguir:

[...] Nesse curso me dei conta que não sabia consultar com eficiência um dicionário, aprendi bastante e quero ensinar aos meus alunos. (PARTICIPANTE 6 DO MINICURSO).

Alguns participantes fizeram algumas sugestões de uso, como podemos constatar pelas respostas transcritas a seguir:

Utilizarei o dicionário para realizar atividades como pesquisa de significados. Dar várias palavras e pedir sinônimos ou a interpretação de significado de cada aluno. (PARTICIPANTE 4 DO MINICURSO).

[...] Procuraria alguma forma de disponibilizar em aula e assim propor atividades. (PARTICIPANTE 9 DO MINICURSO).

Um participante disse que não utilizaria o dicionário, porque

[...] Nem sempre o dicionário acaba sendo motivador na hora de aprender, pois torna-se cansativo consultá-lo toda hora. (PARTICIPANTE 8 DO MINICURSO).

- **Questão 7 (MCf): O dicionário pode ser um recurso estimulante no ensino de vocabulário?**

Todos os participantes disseram que sim.

- **Questão 8 (MCf): Na sua opinião, falta uma formação mais intensiva na área de Ciências do Léxico em sua Graduação? Para você, esse conhecimento é necessário para sua formação enquanto futuro docente? Discorra sobre este aspecto.**

Todos os participantes constataram que é um conhecimento necessário para a formação do professor de línguas, além de acrescentar que esses tipos de cursos auxiliam, porém também afirmam que

[...] O tempo não é suficiente para que possamos aprofundar tal assunto. Entretanto aprender a usar o dicionário é importantíssimo para que eu possa ensinar meus alunos como utilizar o dicionário e falar sobre seus benefícios. (PARTICIPANTE DO 9 MINICURSO).

4.3 Apresentação de dados das notas de campo

As notas de campo nos auxiliaram em relação à descrição da aula, já que assim as entendíamos enquanto instrumento na área de pesquisa científica. Porém, ao nos depararmos com algumas situações importantes e que deveriam fazer parte do trabalho, as utilizamos como um instrumento que nos serviu para descrever as aulas, entretanto fizemos uso delas porque as

vemos como um meio que instiga o pesquisador no seu processo de reflexão frente ao dado observado, já que esta (nota de campo) é, assim como afirmam Bogdan e Biklen (1994, p. 153), “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estado qualitativo”, ou seja, o pesquisador pode obter informações importante no decorrer de sua coleta que não devem ser desperdiçadas e que, pelo contrário, podem ser recuperadas por essas notas, nas quais ele as relata e se expõe enquanto pesquisador e observador.

Observamos que talvez os questionários tenham sido pouco reflexivos, isto é, utilizamos mais perguntas fechadas que impediram os graduandos de argumentar sobre suas respostas positivas ou negativas. Logo, pensamos no recurso que fornece esse instrumento, a presença da reflexão do pesquisador sobre o momento da coleta de dados. Vimos; assim, a oportunidade de analisar as notas de campo e colocá-las em discussão com os aspectos que foram discutidos nos dois questionários (inicial e final), bem como as atividades elaboradas pelos participantes do curso de extensão.

Mencionamos aqui dois exemplos de notas de campo que elaboramos durante os cursos. Assim, destacamo-nas, analisamo-nas e verificamos que podiam servir como um acréscimo para a análise desta pesquisa, uma vez que também foram um instrumento que nos propiciou um modo de contrapor o que os participantes evidenciaram nos questionários e o que falaram nas discussões de sala de aula, ou seja, utilizamo-nas nesta análise como uma forma de contrapor ao que poderia ter sido afirmado nos questionários utilizados nesta pesquisa - o que ficará mais claro e desenvolvido com as notas de campo abaixo transcritas e analisadas:

23-09-2013/Curso de extensão

- Discussão sobre o Guia do PNLD: Dicionários.
- Discussão com os participantes sobre o conceito “Material didático”:
 - Percebi com essa discussão que os alunos-futuros professores colocaram no primeiro questionário que o dicionário era um recurso didático, entretanto, quando perguntei sobre a essência desse conceito (material didático), os graduandos ainda associam muito o dicionário aos conceitos e características dos livros didáticos. Refletindo sobre isso, pensei que esse pode ser o motivo pelo qual há tanta dificuldade em se utilizar o dicionário, já que nele, diferentemente dos LD, eu não encontro fórmulas prontas.

- Necessidade de colocar essa discussão em minha dissertação.

Nesse dia, a discussão/reflexão seria feita a partir do Guia do PNLD (destinado aos dicionários) intitulado *Com direito à palavra: Dicionário em sala de aula*. Discutimos sobre as atividades exercidas pelo PNLD e MEC e também observamos e refletimos sobre a organização do guia, isto é, evidenciamos a parte teórica e a prática (jogos, atividades e exercícios) presentes nesse material. Com toda a discussão, percebemos que os alunos/futuros professores desconhecem ou sabem muito pouco sobre alguns aspectos da política pública educacional e entendemos que há uma necessidade de aprender sobre, pois, ao entrarem no mercado de trabalho, se depararão com essas questões, que não foram estudadas e discutidas. Entretanto, sabemos que tal atitude pode auxiliá-los em classe à medida em que essas instituições colaboram com o professor em sala de aula, isto é, disponibilizam materiais que podem ser utilizados por eles.

Ao debater sobre esse fator, os professores em formação foram indagados sobre a natureza do dicionário, ou seja, se era um material didático. Assim como nos questionários, todos os participantes do curso de extensão afirmaram que sim, porém, quando perguntamos sobre a essência do conceito (material didático), todos os participantes disseram não saber como definir ou, o que ocorreu muitas vezes, diziam características que estavam mais próximas dos livros didáticos do que destes materiais como, por exemplo, a sequência didática. Sabemos que o dicionário adere também a um tipo de sequência, talvez uma ordem alfabética funcione como sucessão; todavia, é bem distinta da que está disposta no livro didático, visto que a mesma nos auxilia na organização desse recurso e não nos leva a pensar que, por exemplo, é da letra A que devo começar a ensinar meus futuros alunos, o que ocorre com o uso de livros didáticos.

Essa questão sobre os materiais dispostos na sala de aula nos fez discutir sobre a formação do professor, isto é, se este graduando reflete sobre estes aspectos, visto que eles estarão presentes em sua prática diária. Dessa forma, ao serem indagados como essa questão era discutida no seu processo de formação, obtivemos deles a resposta de que ainda não haviam sido questionados sobre o assunto, mas que, indubitavelmente, tal questão era de grande importância para suas futuras práticas.

Contudo, percebemos que com esses e outros debates ao redor do que constitui a sala de aula, o futuro professor poderá conhecer não só um pouco mais a prática, mas também questionar-se sobre o papel dos materiais que estão presentes em sala e o seu comportamento enquanto professor em formação reflexiva.

A partir da segunda nota de campo que está abaixo transcrita, detemo-nos na discussão da contraposição entre o futuro professor na fase educacional (aluno) e o graduando em seu processo de formação. Para isso, nessa aula discutimos sobre as experiências que tiveram durante sua vida escolar no que diz respeito às aulas de língua estrangeira:

07-10-2013/ Curso de extensão

- Discussão intitulada *Minhas experiências, enquanto aluno, no que diz respeito ao uso de dicionário em línguas estrangeiras*.
- Experiências com o dicionário na sala de aula de LE no colégio: pedi para que todos os alunos-futuros professores contassem sobre sua trajetória escolar, depois falassem a respeito da sua relação com línguas estrangeiras no colégio e comentassem, ainda, sobre a forma como o dicionário era utilizado e o que eles pensavam (isto é, naquela época) sobre isso.
- É interessante perceber que todos os participantes disseram que o uso do dicionário em sala de aula era “proibido” nas escolas regulares (e na maioria dos casos dos alunos do curso, públicas), porque se eles utilizassem esse recurso, as provas não teriam sentido, já que os professores da disciplina davam provas que, segundo os participantes desta pesquisa, funcionavam como traduções de pequenas frases ou palavras.

A discussão/reflexão dessa aula nos fez pensar sobre a ausência do dicionário em sala de aula e suas consequências, visto que os participantes afirmaram não ter tido contato com ele em sala no tempo oportuno e, por essa razão, não saberem como integrá-lo em suas futuras práticas didáticas, já que não possuem referências, em suas *experiências escolares*, de uma prática que incluísse o uso deste material. Ao refletirmos sobre essas *experiências*, constatamos que elas estão intimamente ligadas à formação do professor.

Fonseca (2002, p. 52) afirma que os professores constroem seus saberes no decorrer de suas vidas e, além dessa formação contínua, o autor constata que esse processo formativo depende e se nutre de modelos e espaços educativos pelos quais teve participação. Ainda comenta que essa formação é dinâmica, ativa e constrói-se a partir do contato com saberes

trazidos do exterior e de suas próprias experiências, isto é, os alunos/futuros professores evidenciam essa prática que exclui, por exemplo, o uso do dicionário. Entretanto, com base no que analisamos nos questionários, percebemos que, a partir desse contato com as reflexões e atividades que fazem uso deste material em sala, o professor em formação passa, então, a construir sua prática a partir da contraposição do que está formado em suas *experiências escolares* e o que adquiriu de novo que possa auxiliar sua prática.

4.4 Apresentação das atividades elaboradas pelos futuros professores

Assim como as notas de campo, as atividades elaboradas pelos graduandos do curso de extensão nos serviram como um instrumento de análise, logo servindo como auxílio à interpretação dos questionários e das notas de campo. Decidimos analisá-las, porque, a nosso ver, são produtos do processo de intervenção que fizemos com estes futuros professores e, ademais, representam um pouco da reflexão que estes graduandos fizeram no decorrer do curso de extensão.

Apresentamos a seguir quatro atividades dos quatro graduandos que seguiram o curso até o final e entregaram, assim, o que lhes foi proposto no início, isto é: uma atividade, que tivesse como objetivo o ensino de vocabulário, que utilizasse o dicionário e que tivesse um público-alvo definido. Com tudo exposto, os alunos/futuros professores foram convidados a expor seus trabalhos e a aplicar suas atividades com os demais graduandos que tinham como objetivo contestar a atividade, incrementá-la ou dar sua opinião.

Durante o curso, fizemos exercícios de criação/elaboração de atividades que colaborassem para o uso do dicionário e que tivessem temas variados como, por exemplo, falsos cognatos, cultura, músicas, etc., entretanto nenhuma dessas atividades instigou tanto os participantes como esta final, já que tinham que aplicá-las e discuti-las com seus companheiros. As atividades foram um exercício final que nos pareceu muito eficaz e colaborativo para ser utilizado na análise dos resultados alcançados por esta pesquisa.

A primeira atividade do ALUNO 1 DO CURSO DE EXTENSÃO baseou-se em um jogo *online* intitulado *Letroca* e tinha como objetivo, que foi definido pelo graduando, o exercício com o léxico em espanhol, seu aumento e o trabalho com as definições lexicográficas. A atividade consistiu em um trabalho em duplas ou trios, no qual deveriam completar os quadros disposto em uma folha com todas as palavras que pudessem ser formadas a partir das letras indicadas no topo, isto é, o conjunto de letras V, N, A, S, E, E localizadas no alto da folha. A tarefa consistia em preencher todos os quadrinhos ordenados com essas letras-chaves. O outro

aluno que estava com a folha 2 (e que contemplava, portanto, as definições de cada palavra) poderia dar dicas aos colegas sobre os vocábulos e ajudá-los para que pudessem preencher os quadros com as palavras corretas.

Ao discutir sobre esta atividade, os futuros professores disseram que ela se mostrou interessante por contemplar as quatro habilidades linguísticas, ou seja: a oral, pois necessitavam se comunicar em língua estrangeira para descobrirem a palavra; a escrita, oportuna no momento de completar as lacunas dos quadros; a auditiva, pois ouviram as dicas e as definições lexicográficas dadas e, por fim, a leitora, por meio das leituras realizadas. Além disso, tratou-se de uma atividade que não estabelecia um público-alvo previamente definido, pois, por meio dela, se poderia trabalhar com vários conjuntos de vocabulários, isto é, desde o nível básico até o avançado, auxiliando, assim, o trabalho do professor que acompanha vários níveis.

O trabalho do ALUNO 2 DO CURSO DE EXTENSÃO teve como objetivo, como exposto pelo próprio autor, o ensino de vocabulário às crianças de 8 a 12 anos, o que se diferenciou dos demais que se destinavam ao trabalho com jovens ou adultos. A atividade consistiu em uma recriação do que chamamos “jogo da memória”; entretanto, neste jogo, o jogador que, por exemplo, virasse a peça que com a palavra *madre* deveria encontrar a definição que disponível em outra peça, ou seja, tinha de encontrar algo como *s.f. 1. Mujer que ha tenido hijos. 2. Animal hembra con respecto a sus crias. 3. RESTRINGIDO. Causa u origen de una cosa. 4. Dignidad o título de las religiosas de ciertas órdenes.*

Essa atividade possibilitou reflexões sobre o ensino do vocabulário destinado às crianças, bem como sobre o uso do dicionário nessa faixa etária (de 8 a 10 anos), visto que se começamos desde o princípio, habituando-os com este recurso, podemos instigá-los ao uso contínuo enquanto aprendizes de línguas.

É importante dizer que, nas duas atividades acima, discutimos sobre a ausência do próprio material, ou seja, os participantes utilizaram as definições que estavam no dicionário e transcreveram em outra folha (não usaram a obra lexicográfica em si, mas sim copilaram em uma outra folha), porém, o que eles dizem, é que este modo de trabalho pode ajudar na compreensão por parte dos alunos de como funciona um dicionário, como está organizado e na leitura, pois o aluno necessita ler o verbete até o final para que consiga verificar se aquela palavra está correta.

O ALUNO 3 DO CURSO DE EXTENSÃO teve como objetivo, com sua atividade, trabalhar o vocabulário relacionado à economia com alunos do nível básico. O participante decidiu partir da leitura de um texto que trazia vocabulário próprio desta área e, depois, entregou uma folha com dois exercícios. O primeiro era para que o aluno encontrasse os significados das

palavras listadas no dicionário e as escrevesse na folha. O segundo exercício estava focado no uso do dicionário bilíngue, ou seja, o aluno deveria procurar as palavras dadas em espanhol e traduzi-las para o português, depois deveriam escrever um diálogo envolvendo-as. Refletimos com o auxílio desta atividade sobre a leitura e o uso do dicionário e também sobre a produção textual e este recurso.

A última atividade entregue pelo ALUNO 4 DO CURSO DE EXTENSÃO, trabalhava com os falsos cognatos existentes entre o português e o espanhol. O participante que elaborou tal atividade nos relatou que pretendia trabalhar com os níveis, preferencialmente, básicos, porque faria uso do dicionário bilíngue. Tal justificativa, de nível e tipo de dicionário utilizado, embasa-se pela discussão que fizemos, no decorrer do curso, sobre a relação entre o nível de aprendizagem e as características do tipo de recurso que será utilizado.

Bolzan e Durão (2010, p. 50) afirmam que “[...] para que o uso do dicionário possa ser eficaz em sala de aula, o primeiro passo é a escolha acertada dessa obra”, ou seja, o professor deverá definir qual tipo de dicionário usará a partir da finalidade que deseja (passivo- recepção de textos e ativo-produção de textos). Como acréscimo, para tal escolha, Gualda (2008, p. 108) afirma que o dicionário bilíngue deve auxiliar o aprendiz até que ele se sinta familiarizado com o monolíngue, ou seja, nos níveis iniciais a obra lexicográfica mais indicada seria o dicionário bilíngue. Por isso, julgamos adequada a atitude do aluno ao utilizar um dicionário correspondente ao nível de aprendizado do aluno (no caso, de nível básico).

4.5 Síntese da análise quantitativa e qualitativa

Observamos com as análises feitas que os futuros professores, em sua maioria, acreditam que o uso do dicionário em sala de aula seja relevante, ademais caracterizam-no como material didático, ou seja, como um agente “facilitador” do processo de ensino e aprendizagem de línguas. Entretanto, constatamos, também, que o graduando ainda não adquiriu tanta familiaridade com o uso desse material, seja como professor, já que afirma, pelo menos a princípio, ter bastante dificuldade na inclusão do dicionário em sala, seja como aluno, uma vez que a frequência do uso da obra lexicográfica é pouca em seu processo de aprendizagem da língua estrangeira, seja como professor.

Percebemos ainda que os graduandos acreditam que o ensino do léxico não auxilia na aprendizagem da gramática, isto é, não consideram de que modo podem associar disciplinas que, na maioria das vezes, não são relacionadas ou, ainda, fazem a distinção entre ensinar léxico e ensinar gramática. Entretanto, se refletirmos sobre a ideia de que “[...] léxico e gramática estão

articulados e indissociáveis” (CUMPRI, 2012, p. 41) ou, ainda, se observássemos que “[...] o signo linguístico tanto tem forma (significante), quanto conteúdo (significado) e, do mesmo modo, a gramática também tem forma (estrutura, entonação, modalização) e conteúdo (sentido, intenção)” (CUMPRI, 2012, p. 49), notaremos que, ao ensinar gramática, estamos automaticamente nos referindo ao léxico também, já que ambas dimensões fazem parte do mesmo objeto, isto é, a língua. Por isso, fazer tal reflexão entre esses dois polos é interessante, porém é também necessário que se discuta sobre a não separação das duas áreas, visto que trabalhamos com linguagem que é uma atividade de construção de significados e, sendo assim, léxico e gramática se unem para que ocorra a representação dos mesmos.

No tocante à inclusão do dicionário nas práticas, a maioria dos graduandos se disponibiliza a tal atividade, o que evidencia o quanto esse material pode acrescentar e auxiliar o professor em sala. Porém, o que notamos é que muitos não sabem como incluir ou, ainda, desconhecem como se elaboram atividades/exercícios que colaboram para o uso do material. Por isso, os trabalhos do final do curso de extensão nos serviram de discussão sobre a importância da Lexicografia Pedagógica no processo de formação do futuro professor, o uso do dicionário em sala e o ensino de vocabulário, já que o objetivo do trabalho foi realizar a união da teoria e a sala de aula (prática).

Ao resgatar as *experiências escolares* em uma discussão com os participantes, notamos o quanto a não utilização do dicionário em sala é recorrente, isto é, os futuros professores enquanto alunos em seus processos de formação ora não foram autorizados a utilizar o dicionário, ora não sabiam como manuseá-lo, porque ninguém os ensinava tal habilidade. Com isso, percebemos que a exclusão deste material também pode estar vinculada a essa prática. Entretanto, com o auxílio do curso, constatamos que essa questão pode ser modificada a partir do processo formativo do futuro professor, atentando-se para a importância do dicionário em sala, bem como a presença de um espaço de discussão que poderia, assim, estar vinculado à presença da disciplina Lexicografia Pedagógica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reticências são os três primeiros passos do pensamento que continua por conta própria o seu caminho... (QUINTANA, 1973, p. 286).

Apresentamos nesta seção algumas considerações finais do trabalho desenvolvido. No entanto, salientamos que esta não tem o objetivo de concluir o tema explorado, mas, sim, contribuir com as discussões que vindo sendo feitas a cerca da formação do professor em Lexicografia e o uso do dicionário em sala de aula. Dessa forma, expusemos aqui aspectos que podem ser princípios norteadores para as próximas investigações, bem como pontos que não foram desenvolvidos, mas que necessitam ser abordados, quiçá em futuras reflexões.

A Lexicografia é umas das ciências que acompanha o homem há muito tempo, isto é, a necessidade de comunicação entre falantes de línguas diferentes ou a importância de se registrar a escrita de uma língua são pontos que, desde a antiguidade, foram, cada vez mais, desenvolvidos e utilizados pelo homem que estava em contato com outras línguas, seja pelo movimento comercial de mercadorias, pela aprendizagem de línguas ou, mais tarde, por meio da globalização. Numa tentativa de atender as necessidades da aprendizagem, destaca-se a Lexicografia Pedagógica que pretende auxiliar, com o uso do dicionário, o processo de ensino e aprendizagem de línguas.

Dessa forma, esta pesquisa instaura-se na discussão sobre o uso do dicionário em sala de aula e a formação do futuro professor de espanhol em Lexicografia Pedagógica, uma vez que consideramos que este material pode potencializar o processo de ensino e aprendizagem da língua-alvo. Sabemos que o PNLD e o MEC disponibilizaram obras lexicográficas de língua portuguesa aos alunos do Ensino Fundamental. A nosso ver, essa medida poderá trazer bons frutos ao ensino da língua materna, bem como poderá, futuramente, oferecer tal medida aos alunos de línguas estrangeiras.

Entretanto, o que nos instiga é a discussão sobre a utilização desse material em sala, isto é: o professor de língua espanhola está preparado para o trabalho com o dicionário nas aulas? Ou ainda, seu processo formativo privilegia, em algum momento, as discussões sobre como utilizar este material em sala? A partir dessas indagações e com o desenvolvimento desta pesquisa, notamos que há uma necessidade de incluir um espaço de discussão sobre esses aspectos que poderão auxiliar o futuro professor em uma prática docente que inclua o uso de dicionários.

Utilizamos como esse *espaço de reflexão* o curso de extensão e o minicurso, já caracterizados nesta pesquisa, e notamos que foram, ambos com suas limitações, experiências relevantes para a inclusão da reflexão do uso do dicionário por parte do professor em formação. Logo, observamos, também, que foram, na medida do possível, espaços de discussões que integraram o processo formativo do graduando, ou seja, constatamos que eles observavam aquele momento como uma possibilidade de aprendizado para a constituição de sua futura prática docente. Evidenciamos, assim, que a disciplina Lexicografia Pedagógica auxilia o professor ou futuro professor no trabalho com o dicionário, atentando-o para que a utilização deste material seja proveitosa e efetiva em sala de aula.

No tocante à discussão sobre professor em formação reflexiva, observamos que quando graduando/futuro professor se disponibiliza a discutir sobre sua futura prática didática, ele expõe suas dúvidas e anseios, e também nos apresenta aspectos não desenvolvidos no seu processo formativo que devem ser trabalhados, como ocorreu com a disciplina Lexicografia Pedagógica e o uso do dicionário. Essas ausências curriculares podem ser a causa do não aproveitamento do material em sala, seja, como muitos afirmaram, por falta de informação sobre a obra lexicográfica, seja por não saber como incluí-la em suas aulas.

Apresentamos, sucintamente, alguns dicionários utilizados no Brasil no ensino de espanhol como língua estrangeira na tentativa de auxiliar o futuro professor na escolha do dicionário. Expusemos também algumas possibilidades de trabalho com a obra em sala de aula, com o intuito de demonstrar ao professor ou futuro professor o quão rico é este material e o quanto pode ser enriquecedor agregá-lo no ensino e aprendizagem da língua espanhola.

Com isso, pretendemos com essa discussão acrescentar o que já desenvolveram as pesquisas sobre o uso do dicionário em sala de aula, bem como abarcar o processo de formação do graduando/futuro professor em relação a utilização deste material. Assim, sabemos que o trabalho não se esgota em uma única pesquisa, por isso há muito que se fazer nesta área e, pelo menos o que vemos nas últimas pesquisas, é que o assunto está sendo cada vez mais desenvolvido, o que, a nosso ver, é muito importante não só para a área estudos do léxico, mas também para o aperfeiçoamento das obras lexicográficas disponíveis aos alunos aprendizes de uma língua estrangeira.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, I. Ser professor reflexivo. In: ALARCÃO, Isabel (org.). *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora, 1996, p.171-189.
- ALMEIDA FILHO, J. C. P. *Linguística Aplicada, Ensino de Línguas e Comunicação*. Campinas: Pontes Editores, 2005.
- ALVAR-EZQUERRA, M. *La enseñanza del léxico y el uso del diccionario*. Madrid: Arco Libros, 2003.
- ARAÚJO, E. M. V. M. *O dicionário para aprendizes em sala de aula: uma ferramenta de ensino e aprendizagem*. 233 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/ednamariasvasconcelosmartinsaraujo.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2014.
- AZORÍN-FERNÁNDEZ, D. *La lexicografía y sus contornos disciplinares*. Madrid: Liceus, 2006.
- BANDEIRA, D. *Materiais didáticos*. Curitiba: IESDE, 2009.
- BARCELOS, A. M. F. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: Estado-da-arte. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 71-92, 2001.
- BELMIRO, C. A. A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de Português. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 21, n. 72, p. 11-31, ago. 2000. Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87313698002>>. Acesso em: 10 out 2014.
- BIDERMAN, M. T. C. A ciência da lexicografia. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 28, p.1-26, 1984. Suplemento. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3676/3442>>. Acesso em: 15 out. 2014.
- _____. *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. *Letras de Hoje*, São Paulo, v. 22, n.4, p. 81-86, dez. 1987. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/17049/11065>>.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas. In: *Investigação qualitativa em educação*. Portugal: Porto Editora, 1994. Disponível em <http://www.todosnos.unicamp.br:8080/lab/acervo/capitulos/BOGDAN%20R_%20BIKLEN.S.%20Investigacao%20Qualitativa%20em%20Educacao.rtf/view>.
- BOLZAN, R. M.; DURAO, A. B. A. B. Abandonando clichês para descortinar um cenário favorável ao uso dos dicionários em sala de aula. In: DURÃO, A. B. A. (Org.). *Vendo o dicionário com outros olhos*. Londrina: UEL, 2010, v.1, p. 38-53.

BRASIL. *Plano Nacional de Extensão Universitária*. Disponível em: <<http://www.uniube.br/ceac/arquivos/PNEX.pdf>>. Acesso em: 7 out de 2014.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula/* [elaboração Egon Rangel]. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=12059&Itemid=>>. Acesso em: 20 out 2014.

_____. *decreto-lei nº 11.161*, de 05 de Agosto de 2005. Dispõe sobre o ensino da língua espanhola. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11161.htm. Acesso em: 28 Julho 2010.

_____. Fundação de Assistência ao Estudante (FAE). *Definição de critérios para avaliação dos livros didáticos*. Brasília: FAE, 1994.

CARVALHO, A. L. *A formação de professores em tempos de incertezas*. Encontro de Pedagogia. 2007. Cáceres: UNEMAT, 2007. Palestra.

CASTILLO CARBALLO, M. A.; GARCÍA PLATERO, J. M. La Lexicografía Didáctica. In: MEDINA GUERRA, A. M. (coord.). *Lexicografía Española*. Barcelona: Ariel, 2003, p. 334-351.

CRISTOVÃO, V.L.L. Gêneros textuais, material didático e formação de professores. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 8, n. 1, p. 173-191, 2005. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3644/2945>>. Acesso em 25 out 2014.

CUMPRI, M. L. Algumas reflexões sobre léxico e gramática. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 2, n. 1, p.41-50, jan./jul. 2012. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/41/90>>. Acesso em: 15 out. 2014.

DE GRANDI, L. Uso do dicionário no ensino de língua espanhola : proposta de Guia teórico-metodológico para professores. 162 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Lingüística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2014.

DURAN, M. S. O ensino do uso do dicionário aos aprendizes de língua estrangeira: quem se importa? *Revista do GEL*, v. 5, n. 2, p. 199-212, 2008.

DURAN, M. S.; XATARA, C. M. Lexicografia pedagógica: atores e interfaces. *DELTA*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 203-222, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502007000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06 nov 2014.

FETH, M. *O Catador de Pensamentos*. São Paulo: Brinque-Book, 1996.

FONSECA, S. G. Saberes da Experiência, Histórias de Vida e Formação Docente. In: CICILLINI, G. A et al (org.). *Educação escolar: políticas, saberes e práticas pedagógicas*. Uberlândia: EDUFU, 2002.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 20 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FRISON, M. D et al. *Livro didático como instrumento de apoio para construção de propostas de ensino de Ciências Naturais*. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE CIÊNCIAS (VII Enpec), 7, 2009, Florianópolis. ENPEC, 2009.

GARCÍA, J. M. El diccionario en la enseñanza del español. *Cuadernos de didácticas del español/LE*, Madrid: Arco Libros, 1999.

GUALDA, M. V. R. *Léxico del español como segunda lengua: aprendizaje y enseñanza*. Manuales de formación de profesores de español 2L. Madrid: Arco Libros, 2008.

HERNÁNDEZ, H. Retos de la lexicografía didáctica española. In: *Actas del II Congreso Internacional de Lexicografía Hispánica*. p.22-32. Alicante, 2008. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra/retos-de-la-lexicografa-didctica-espaola-0/>>. Acesso em 15 jun 2012.

HÖFLING, C., SILVA, M. C. P., TOSQUI, P. O dicionário como material didático na aula de língua estrangeira. *Intercâmbio*, São Paulo: LAEL-PUC/SP, v. 13, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v6n1/04.pdf>>. Acesso em: 15 jul 2014.

HUMBLÉ, P.R.M. Produção versus compreensão no Dicionário Bilíngue português-espanhol da Universidade Federal de Santa Catarina. In: COSTA, M. J. D. et al. (Org.). *Línguas: ensino e ações*. Florianópolis: EdLLE, 2002, p. 181-192.

_____. O discurso do dicionário. In: COULTHARD, C. R. C.; CABRAL, L. S. (Org.). *Desevendando discursos: Conceitos básicos*: Editora da UFSC, 2008, p. 318-344.

HWANG, A. D. Lexicografia: dos primórdios à Nova Lexicografia. In: HWANG, A. D.; NADIN, O. L. (orgs.). *Linguagens em interação III: estudos do léxico*. Maringá: Clichetec, 2010, p. 33-45.

ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (org.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. V. II. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

KRIEGER, M. da G. A identidade da terminologia e o perfil do terminólogo. *Revista Trama*, v.2, n 4, p. 155-164.

LEFFA, V. J. Aspectos externos e internos da aquisição lexical. In: LEFFA, V. J. (Org.). *As palavras e sua companhia; o léxico na aprendizagem*. Pelotas, 2000, v. 1, p. 15-44

MENEZES. A. L. T. Extensão: por uma percepção de um conhecimento biocêntrico. *Revista Diálogos: construção conceitual de extensão e outras reflexões significativas*, Brasília, v.14, n.1, p. 14-15, dez. 2010. Disponível em <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/2923/1833>>. Acesso em 05 nov 2014

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. *DELTA*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 329-383, 1994.

_____. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MOLINA GARCÍA, D. *Fraseologia bilíngüe: un enfoque lexicográfico-pedagógico*. Granada: Editorial Comares, 2006.

MOREIRA, Glauber Lima. *O uso do dicionário monolíngue na sala de aula: uma ferramenta para compreensão leitora em língua espanhola por alunos avançados de espanhol/LE*. 2009. 229 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/glauberlimamoreira.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

MOURA FILHO, A.C.L. Basta de clamarmos por inocência: A Formação Reflexiva do Professor Contemporâneo de Línguas. In: SILVA, K. A. et al (Orgs.) *A Formação de Professores de Línguas: novos olhares*. v.1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. p. 49-72.

MURAKAWA, C. de A. A.; NADIN, O.L (Orgs.). *Terminologia: uma ciência interdisciplinar*. Série Trilhas Linguísticas. 22. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

NÓVOA, A. *Formação contínua de professores: realidades e perspectivas*. Aveiro/Portugal: Universidade de Aveiro, 1991.

NUNAN, D. *Research Methods in Language Learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

PEREIRA, R. C.; ROCA, P. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. SP: Contexto, 2009.

PRADO ARAGONÉS, J. El uso del diccionario para la enseñanza de la lengua: consideraciones metodológicas. *Kañina: Rev. Artes y Letras, Univ. Costa Rica*. V. 29, 2005, p. 19-28. Disponível em: <<http://revistas.ucr.ac.cr/index.php/kanina/article/view/4653>>. Acesso em 27 out 2014

PONTES, A. L.; SANTIAGO, M. S. Crenças de professores sobre o papel do dicionário no ensino de língua portuguesa. In: COSTA DOS SANTOS, F. J. (Org). *Letras plurais: crenças e metodologias do ensino de línguas*. Rio de Janeiro: CBJE, 2009. p. 105-123.

QUINTANA, M. *Caderno H*. Porto Alegre: Globo, 1973.

RANGEL, E. O. *O Dicionário Em Sala De Aula/ Elaboração Egon Rangel, Marcos Bagno*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

SANTOS GARGALLO, I. *Linguística aplicada a la enseñanza-aprendizaje del español como lengua extranjera*. 3ª ed., Madrid: Arco Libros, 2010.

SELLANES, R. B. G. *A língua espanhola no mundo*. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/espanhol/predominancia-da-lingua-espanhola.htm>> Acesso em 02 set 2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”. Define as atividades de extensão universitária na UNESP. Resolução n. 53 de 03 de Novembro de 2004. Disponível em <<http://www.unesp.br/proex/legislacao/resunesp532004.php>> Acesso em 08 out 2014.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”. Regulamenta os cursos de extensão universitária ministrados na UNESP. Resolução n. 59 de 10 de Julho de 2014. Disponível em <<http://master.fclar.unesp.br/#!/instituicao/administracao/divisao-tecnica-academica/secao-tecnica-academica/extensao/legislacao-da-extensao/>>. Acesso em: 08 out 2014.

VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. Uma abordagem reflexiva na formação e no desenvolvimento do professor de língua estrangeira. In: *Contexturas: Ensino Crítico de Língua Inglesa*. Indaiatuba: APLIESP, n. 5. p 153-159. 2000/2001.

VILAÇA, M. Materiais didáticos de língua estrangeira: aspectos de análise, avaliação e adaptação. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, Unigranrio, Rio de Janeiro, v. 8, n. 32, jan./mar. 2008. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/viewFile/1058/609>>. Acesso em 06 jul 2014.

WELKER, H. A. Lexicografia Pedagógica: definições, história, peculiaridades. In. XATARA, C.; BEVILACQUA, C.; HUMBLÉ, P. (orgs.). *Lexicografia Pedagógica: Pesquisas e Perspectivas*. Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Tradução, 2008.

Dicionários

CLAVE *Diccionario del uso del español actual*. 6. ed. Madrid: SM, 2006.

DÍAZ; GARCÍA-TALAVERA, M. *Dicionário Santillana para estudantes: espanhol-português, português-espanhol*. 2.ed. São Paulo: Moderna, 2008.

PONS *Dicionário Escolar Espanhol*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MORENO, F.; GONZÁLEZ, N. M. *Diccionario Esencial español-portugués/ portugués-espanhol*. 1ed. Madrid: Arco Libros, 2006.

SABINO, M. L. *Meu primeiro Dicionário Ilustrado de Espanhol*. São Paulo: Editora Rideel, 2003.

SEÑAS *Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños*. Universidad de Alcalá de Henares. 2ºed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Apêndices

APÊNDICE A – Questionário inicial

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- Campus Araraquara
Departamento de Letras
Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa
Pesquisadora: Thaís de Mendonça Faria
Orientador: Prof. Dr. Odair Luiz Nadin da Silva

Caros participantes,

Pedimos sua colaboração para responder o questionário abaixo. Ele é de suma importância para a pesquisa realizada. Não é necessário se identificar, pois informações pessoais não serão divulgadas com o intuito de preservar anonimato dos participantes. Desde já agradecemos a sua participação.

1º Questionário sobre o uso do dicionário no ensino de vocabulário

1- Você sabe ou imagina como é a elaboração de um dicionário?

Sim

Não

2- Acredita que seja relevante o uso dos dicionários em sala?

Sim

Não

3- Para você, o dicionário é um recurso didático?

Sim

Não

4- Você, enquanto aprendiz de língua estrangeira, utiliza o dicionário nas aulas?

Frequentemente

Raramente

Nunca

5- Em qual aspecto, em sua opinião, o dicionário auxilia de modo mais eficaz? (Escolha apenas uma alternativa)

Leitura de textos em língua estrangeira

- Aprendizagem de vocabulário
- Gramática
- Escrita de textos

6- Em suas futuras práticas docentes, o dicionário estará presente?

- Sim
- Não

7- Se sim, de que forma? Se não, por quê?

8- Em sua opinião, o dicionário é um recurso estimulante em sala de aula? Por quê?

9- Gostaria de participar de um curso de formação inicial em Lexicografia Pedagógica?

- Sim
- Não

Muito obrigada pela sua participação!!!

APÊNDICE B – Questionário Final

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- Campus Araraquara
Departamento de Letras
Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa
Pesquisadora: Thaís de Mendonça Faria
Orientador: Prof. Dr. Odair Luiz Nadin da Silva

Caros participantes,

Pedimos sua colaboração para responder o questionário abaixo. Ele é de suma importância para a pesquisa realizada. Não é necessário se identificar, pois informações pessoais não serão divulgadas com o intuito de preservar anonimato dos participantes. Desde já agradecemos a sua participação.

2º Questionário sobre o uso do dicionário no ensino de vocabulário

1- Durante o curso, você adquiriu conhecimentos sobre a estrutura de dicionários?

Sim

Não

2- Para você, a presença de dicionários em sala de aula é importante?

Sim

Não

3- O dicionário é um recurso didático?

Sim

Não

4- O dicionário pode ser um recurso muito eficaz no ensino de vocabulário?

Sim

Não

5- O dicionário integrará suas aulas de ensino de vocabulário de maneira mais motivadora e dinâmica?

Sim

Não

6- Se sim, de que forma? Se não, por quê?

7- O dicionário pode ser um recurso estimulante no ensino de vocabulário?

Sim

Não

8- Na sua opinião, falta uma formação mais intensiva na área de Ciências do Léxico em sua Graduação? Para você, esse conhecimento é necessário para sua formação enquanto futuro docente? Discorra sobre este aspecto.

Muito obrigada pela sua participação!!!

APÊNDICE C – Exemplo de notas de campo

23-09-2013

- Discussão sobre o Guia do PNLD: Dicionários.
- Todos sabem o que o programa, talvez por tanta repercussão da própria nomenclatura. Entretanto, os objetivos, metas, justificativa da criação, não. Não posso afirmar, mas acredito que seja porque não discutidos sobre estas instâncias (PNLD, MEC...) na Graduação.
- Discussão com a turma sobre o conceito “Material didático”

(Percebi com essa discussão que os alunos-futuros professores colocaram no primeiro questionário que o dicionário era um recurso didático, entretanto, quando perguntei sobre a essência deste conceito -material didático-, os graduandos ainda associam muito o dicionário aos conceitos e características dos livros didáticos. Refletindo sobre, pensei que este pode ser o motivo pelo qual há tanta dificuldade em se utilizar o dicionário, já que nele, diferentemente dos LD, eu não encontro fórmulas prontas.)

- Necessidade de colocar essa discussão em minha dissertação.

APÊNDICE D – Atividade elaborada por participante do curso de extensão

Nome: Graduando 1 (CURSO DE EXTENSÃO)

Ano : 4º ano de Letras com habilitação português/espanhol

Objetivo da atividade:

- Exercício do léxico em espanhol;
- Aumento do léxico em espanhol;
- Trabalho com as definições lexicográficas.

Descrição da atividade: A atividade é baseada no jogo *online* Letroca.

A atividade deve ser feita em pares. O objetivo é completar os quadros da folha 1 com todas as palavras que podem ser formadas com as letras indicadas no topo da folha. Esta ficará com um aluno, que sozinho tentará preenche-la com as palavras que conseguir formar. Contudo, já prevemos que, por conter palavras difíceis e provavelmente desconhecidas pelos alunos, ele precisará da ajuda do companheiro, que possuirá a folha 2, a qual contém definições lexicográficas de cada palavra necessária para completar os quadros. Assim, sempre que o aprendiz 1- o quer completar a folha 1- precisar de ajuda, o aprendiz 2 – que possuirá a folha 2- o ajudará dando as definições constantes na folha 2, ou mesmo interpretando a definição e dando dicas. É importante que toda a comunicação seja feita na língua estrangeira estudada- neste caso, o espanhol.

A atividade também pode ser feita em grupo de três pessoas. Caso a quantidade de palavras a serem encontradas seja grande, assim, dois alunos podem trabalhar com a folha 1.

Tempo: Dependerá do nível dos alunos e da dificuldade das palavras escolhidas. Estima-se que para os exemplos aqui trazidos, de 10 a 15 minutos.

Materiais: Folhas 1 e 2, constantes em anexo.

Habilidades linguísticas que a atividade desenvolveu (expressão oral, expressão escrita, compreensão auditiva, compreensão leitora): Para esta atividade, os alunos desenvolverão as habilidades: oral (para que se comuniquem entre si), escrita (para completar as lacunas), auditiva (para que se comuniquem entre si) e leitora (leitura das definições).

Folha 1-

VNASEE

--	--	--

--	--	--

--	--	--

--	--	--

--	--	--

--	--	--	--

--	--	--	--

--	--	--	--	--

--	--	--	--	--	--

Folha 2-

1. sf. Animal vertebrado, ovíparo, de respiración pulmonar y sangre de temperatura constante, que tiene pico, el cuerpo cubierto de plumas, y dos patas y dos alas que, generalmente, le permiten volar. **ave**
2. demost. f. Designa lo que está cerca, en el espacio o en el tiempo, de la persona a la que se habla. **esa**
3. demost. m. Designa lo que está cerca, en el espacio o en el tiempo, de la persona a la que se habla. **ese**.
4. apócope de santo ante nombre propio de varón, excepto los de Tomás, Tomé, Toribio y Domingo. **san**.
5. **I.** m. Arbusto oriental, de la familia de las papilionáceas, parecido a la casia, y cuyas hojas se usan en infusión como purgantes; **II.** m. Moneda japonesa de cobre, que vale la centésima parte de un yen. **sen**
6. **I.** sf. Construcción que flota y se desliza por el agua y que se usa como medio de transporte; **II.** Vehículo que vuelva por el aire o por el espacio; **nave**
7. sf. En el sistema circulatorio, cada uno de los vasos o conductos por los que la sangre vuelve al corazón. **vena**
8. sm. En una hoja vegetal, cara inferior. **envés**
9. sm. Recipiente que se usa para guardar, conservar o transportar un producto. **envase**

Anexos

ANEXO A – Parecer consubstanciado do Conselho de Ética em Pesquisa

FACULDADE DE CIÊNCIAS E
LETRAS - UNESP - CAMPUS
ARARAQUARA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Lexicografia Pedagógica e Lúdico: a formação docente e o desenvolvimento da criatividade em sala de aula

Pesquisador: Thaís de Mendonça Faria

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 16618013.9.0000.5400

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Campus Araraquara

Patrocinador Principal: FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 367.580

Data da Relatoria: 01/08/2013

Apresentação do Projeto:

Conforme parecer anterior o projeto em questão apresenta os itens principais que compõem o referido estudo - introdução, objetivos, as etapas metodológicas que ocorrerão em momentos distintos, antes e após a realização de curso de extensão sobre Introdução da Lexicografia Pedagógica, destinado a 35 graduandos do 3º e 4º anos de Letras habilitação Português e Espanhol.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo central da pesquisa reside em desenvolver reflexões junto aos graduandos sobre o ensino de vocabulário em aulas de espanhol como língua estrangeira recorrendo ao uso de dicionário enquanto recurso didático e de estratégias didáticas lúdicas. Objetiva também discutir sobre a importância da lexicografia pedagógica no processo de formação de professores de línguas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Em atendimento à recomendação da relatoria inclui a questão de que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos nos seguintes termos: "Partindo da ideia de que qualquer pesquisa envolvendo seres humanos apresenta certos riscos aos seus colaboradores, acreditamos que no caso desta pesquisa o risco representa o conhecimento e reflexão sobre a formação docente.

Endereço: Rod. Araraquara- Jaú Km1

Bairro:

CEP: 14.800-901

UF: SP

Município: ARARAQUARA

Telefone: (163)301-6224

Fax: (163)332-0698

E-mail: sta@fclar.unesp.br

FACULDADE DE CIÊNCIAS E
LETRAS - UNESP - CAMPUS
ARARAQUARA



Continuação do Parecer: 367.580

Dessa forma, garantimos que se houver algum dano decorrente da participação na referida pesquisa, esta será suspensa e será oferecido a todos os sujeitos os benefícios do melhor regime."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Conforme parecer anterior já foi apontada a relevância científica da pesquisa para o aprimoramento do ensino de língua estrangeira ao abordar questões referentes aos recursos didáticos e estratégias para seu desenvolvimento em sala de aula visando contribuir com a melhoria da formação inicial dos graduandos de Língua Espanhola e de suas futuras práticas docentes na educação básica. No que tange ao esclarecimento solicitado sobre o uso das técnicas adotadas no estudo (questionário e/ou entrevista), a pesquisadora não apresentou acréscimos de informações, o que permite supor que utilizará ambas, conforme consta no projeto, embora não faça diferenciação entre elas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Conforme recomendação do parecer anterior a pesquisadora apresentou as seguintes inclusões :

No item Avaliação dos riscos da pesquisa inclui a informação solicitada pela Resolução 196/96 CEP .

No Termo de Consentimento Livre e Esclarecido destinado aos participantes acrescentou que "Se houver algum dano decorrente da participação na referida pesquisa, o participante poderá pleitear indenização. Não haverá nenhuma despesa, nem pagamento, bem como gratificação pela participação na pesquisa."

Recomendações:

Nada a declarar

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisadora atendeu adequadamente às recomendações solicitadas e recomenda-se a aprovação do referido projeto de pesquisa.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rod. Araraquara- Jaú Km1
Bairro: **CEP:** 14.800-901
UF: SP **Município:** ARARAQUARA
Telefone: (163)301-6224 **Fax:** (163)332-0698 **E-mail:** sta@fclar.unesp.br

FACULDADE DE CIÊNCIAS E
LETRAS - UNESP - CAMPUS
ARARAQUARA



Continuação do Parecer: 367.580

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto aprovado "ad referendum" pelo CEP em 20/08/2013

ARARAQUARA, 21 de Agosto de 2013

Assinador por:
Adalberto Luís Vicente
(Coordenador)

Endereço: Rod. Araraquara- Jaú Km1 **CEP:** 14.800-901
Bairro: **Município:** ARARAQUARA
UF: SP
Telefone: (163)301-6224 **Fax:** (163)332-0698 **E-mail:** sta@fclar.unesp.br